



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
(BOTÂNICA) MUSEU NACIONAL/UFRJ

**A COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA CONGA (MAGÉ,
RJ) E SEU CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS.**

Beatriz Rodrigues Silva Meneses

Rio de Janeiro

2020



A COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA CONGA (MAGÉ, RJ) E SEU CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS

Beatriz Rodrigues Silva Meneses

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Luci de Senna Valle

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do Título de Mestre em Ciências Biológicas (Botânica).

Rio de Janeiro

2020



PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
(BOTÂNICA)
MUSEU NACIONAL/UFRJ

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Maria Franco Trindade Medeiros (Presidente), MN/UFRJ

Maria Franco Trindade Medeiros

Prof.^a Dr.^a Nina Claudia Barboza da Silva, UFRJ

Nina

Prof. Dr. Luiz José Soares Pinto, SEEDUC/RJ

Luiz José Soares Pinto

Orientadora:

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luci de Senna Valle, MN/UFRJ

Luci de Senna Valle

Rio de Janeiro

2020

CIP - Catalogação na Publicação

MB369c Meneses, Beatriz Rodrigues Silva
A Comunidade quilombola Maria Conga (Magé, RJ) e seu conhecimento sobre plantas / Beatriz Rodrigues Silva Meneses. -- Rio de Janeiro, 2020.
78 f.

Orientador: Luci de Senna Valle.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós Graduação em Ciências Biológicas (Botânica), 2020.

1. Etnobotânica. 2. Comunidade quilombola. 3. Espécies vegetais. 4. Categorias de Uso. 5. Maria Conga. I. Valle, Luci de Senna, orient. II. Título.

À Comunidade Quilombola Maria Conga e aos participantes dessa pesquisa sem os quais não seria possível a realização desse trabalho e vivência dessa experiência maravilhosa.

AGRADECIMENTOS

Aos moradores da Comunidade Quilombola Maria Conga e aos agentes comunitários da Unidade de Saúde da Família Maria Conga, cujo sem a colaboração não seria possível à realização do presente trabalho.

À Prof.^a. Dr.^a. Luci de Senna Valle a qual tenho grande carinho! Sou imensamente grata a ti por ter aceitado me orientar, além, de me apresentar esse maravilhoso e amplo mundo da etnobotânica.

À minha mãe que sempre incentivou e acompanhou meu desenvolvimento, uma verdadeira guerreira e rainha da minha vida. Mãezinha, tú és minha inspiração!

Ao meu querido irmão, cujo, tenho muito carinho. A ti querido irmão digo que foi prazer acompanhar seu crescimento, você merece muito sucesso em sua trajetória pela vida!

Ao meu esposo que me acompanhou durante toda essa jornada, sempre me auxiliando a cada subida de degrau em minha carreira. O agradeço não só por esse motivo, mas, também por escolher dividir a vida comigo. Quero dizer a ti Felipe que sou grata por seus mais singelos gestos, que tenho grande admiração e orgulho da pessoa que você é!

À Prof.^a. Dr.^a. Nina Claudia Barboza da Silva por aceitar acompanhar o desenvolvimento de minha dissertação desde o projeto inicial até a defesa, sempre contribuindo com meu trabalho, só tenho a agradecer por essa parceria.

À Prof.^a. Dr.^a. Barbara de Sá Haiad por aceitar realizar a revisão final de minha dissertação, sou muito grata a ti!

Ao Prof. Dr. Luiz José Soares Pinto por toda colaboração prestada durante o desenvolvimento de tal trabalho, a ti tenho imensa gratidão!

À Prof.^a. Dr.^a. Maria Franco Trindade Medeiros, Prof.^a. Dr.^a. Mara Zélia de Almeida e MSc. Sabrina Queiroz, por sempre colaborar com dicas, material bibliográfico, identificação de espécies, etc. Sou muito grata por todo suporte que me deram!

Aos meus professores de graduação, especialmente ao Prof. Dr. João Rodrigues Miguel, Prof. MSc. Wellington Rodrigues de Matos e Prof.^a. MSc. Maria Luiza Ribeiro que me apresentaram a botânica sempre demonstrando muito carinho pelo ensino.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação Ciências Biológicas (Botânica) do Museu Nacional que sempre deram todo suporte e preparam as disciplinas de forma encantadora.

Aos meus colegas de classe em disciplinas e aos especialistas, por sempre me auxiliarem com material bibliográfico e com as identificações das espécies coletadas. Agradeço especialmente Débora Salim, Ana Cruz, Sarah Fricks, Letícia Maria Souto, Isabelle Gomes, MSc. Tamara de Andrade F. Vieira, MSc. George Azevedo de Queiroz, Prof. Dr. Ruy José Valká Alves, Prof. Dr. Edgar Lopes.

Aos técnicos de herbário, Cárís Mariana, Renato Prudêncio, Wellerson Picanço, Margareth Coutinho, Carolina Moreira, por me auxiliarem do processo de identificação ao tombo das plantas coletadas.

Enfim, a toda minha família e amigos por me apoiarem durante cada degrau da vida que consigo subir. É bom saber que a vida reserva lindas experiências que vão sendo reveladas ao construir de nossa história. Ela reserva pessoas maravilhosas, saberes, encontros, admiração, que a cada encerrar de etapas tornam-se memórias cheias de aprendizados e preparação para novas fases. Por isso sou muito grata a todos que fizeram parte desta trajetória!

“Ergueu quilombo, deu um tombo no aparato desses capitães do mato, clamando libertação [...] Maria Conga é que vence demanda, saravá vó benzedeira, preta velha de Aruanda” (Samba enredo: A guerreira negra que dominou os dois mundos. Acadêmicos da Rocinha, 2020).

A COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA CONGA (MAGÉ, RJ) E SEU CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS

A comunidade quilombola Maria Conga apresenta importância histórica por se autoidentificar como remanescente do quilombo fundado por Maria Conga, que veio do Congo chegando ao Brasil por volta de 1804 onde foi escravizada, tornando-se símbolo da luta pela liberdade dos escravos. Na Baixada Fluminense é a primeira reconhecida e certificada como quilombola pela Fundação Cultural Palmares, além disso, fica localizada em Magé, município do Rio de Janeiro com extensas áreas verdes preservadas. Considerando a possibilidade de obtenção de informações botânicas, através de seu resgate cultural e da análise de sua tradicionalidade, o presente trabalho, mediante ao estudo etnobotânico, teve como objetivo registrar os recursos vegetais utilizados na comunidade quilombola Maria Conga. Para seleção dos informantes foi utilizada a técnica “Bola neve” e a coleta das informações foi realizada através de entrevista semiestruturada, gravações e fotografias. As coletas de plantas foram efetuadas mediante “Turnê-guiada”. Após a identificação das espécies e herborização, foram depositadas no herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro (R). Para análise de dados medicinais foram utilizados os cálculos de Importância Relativa (IR) e Fator de Consenso dos Informantes (FCI). Foram entrevistados 25 informantes, 17 mulheres e 8 homens com idades variadas entre 29 a 92 anos, realizando 493 citações, também forneceram dados sociodemográficos e compartilharam um pouco de suas trajetórias de vida, sendo apresentados no presente trabalho. Foram coletadas 152 espécies distribuídas em aproximadamente 130 gêneros de 66 famílias, sendo Asteraceae com 11 coletas a mais representada. As espécies mais citadas pelos informantes foram: *Schinus terebinthifolia* Raddi. (com 11 citações), *Musa x Paradisiaca* L. e *Miconia albicans* (Sw.) Steud. com 10; *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson., *Costus spicatus* (Jacq.) Sw., *Plectrathus barbatus* Andr., *Kalanchoe crenata* (Andrews) Haw., *Ocimum basilicum* L. e *Malpighia glabra* L. com nove citações; *Sansevieria trifasciata* hort. ex Prain. com oito; *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. e *Rosa* sp. com sete. As etnoespécies ficaram enquadradas em 9 categorias, sendo os usos citados: Medicinal, alimentício, ornamental, ritualístico, tóxico, cosmético, construção, tecnológico, veterinário. O uso medicinal apresentou maior valor de importância, já que nele ficaram enquadradas 70 plantas, seguido dos usos: alimentício 51, ornamental 39 e ritualístico 15. Através do levantamento das plantas utilizadas pela comunidade quilombola Maria Conga, foi organizada uma relação das espécies de diversas categorias de uso da região e os dados obtidos revelam interação da comunidade quilombola Maria Conga com a flora local, ocorrendo principalmente o uso medicinal de espécies vegetais.

PALAVRAS-CHAVE: Etnobotânica, Quilombo, Categoria de uso, Espécies vegetais.

THE MARIA CONGA QUILOMBOLA COMMUNITY (MAGÉ, RJ) AND ITS KNOWLEDGE OF PLANTS

The Maria Conga quilombola community is of historic importance because it identifies itself as a remnant of the quilombo founded by Maria Conga, who was a slave from the Congo that arrived in Brazil around 1804 and became a symbol of the struggle for the freedom of slaves. Located in Magé, a municipality in Rio de Janeiro with extensive preserved green areas, this community is the first in the Baixada Fluminense region to be recognized and certified as a quilombola by the Palmares Cultural Foundation. Considering the possibility of obtaining botanical information, through its cultural recovery and the analysis of its traditionality, the present study aimed to register the resources used in the Maria Conga quilombola community through ethnobotanical study. The "Snowball" technique was used to select the informants, and information was collected through semi-structured interviews, recordings and photographs. Plant collection was carried out through "guided tour". After undergoing taxonomic treatment, the plants were deposited in the herbarium of the National Museum of Rio de Janeiro (R), and data analysis was carried out through consensus of the informants. Relative Importance (IR) calculations and Informant Consensus Factor (ICF) were used for the analysis of medicinal data. A total of 25 informants were interviewed, these being 17 women and 8 men with ages ranging from 29 to 92 years old. The informants provided 493 citations, in addition to sociodemographic data, and sharing a little of their life trajectories, which are also presented in this study. A total of 152 species were collected, distributed across approximately 130 genera of 66 families, with Asteraceae being the most represented with 11 collections. The species most cited by the informants were *Schinus terebinthifolia* Raddi. with 11 citations; *Musa x paradisiaca* L. and *Miconia albicans* (Sw.) Steud. with 10; *Lippia alba* (Mill.) NEBr. ex P. Wilson., *Costus spicatus* (Jacq.) Sw., *Plectrathus barbatus* Andr., *Kalanchoe crenata* (Andrews) Haw., *Ocimum basilicum* L., and *Malpighia glabra* L. with nine citations; *Sansevieria trifasciata* Hort. Ex Prain. with eight; and *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. and *Rosa* sp. with seven. The ethnospecies were grouped into nine categories, the mentioned uses being: medicinal, food, ornamental, ritualistic, construction, toxic, cosmetic, technological, and veterinary. Medicinal use had the highest importance value since 70 plants were quoted, followed by food (51), ornamental (39), and ritualistic (15). Through the survey of the plants used by the Maria Conga quilombola community, a list of species from various categories of use in the region was organized and the data collected reveal the interaction of the Maria Conga quilombola community with the local flora, which occurs mainly in the medicinal use of plant species.

KEYWORDS: Ethnobotany, Quilombo, Category of use, Plant species.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 -	Mapa do município de Magé com referência a comunidade Quilombola Maria Conga	21
Fig. 2 -	Mapa da Comunidade desenhado pelos agentes comunitários de saúde	22
Fig. 3 -	Reunião realizada no Posto de Saúde da Família Maria Conga	26
Fig. 4 -	Distribuição dos entrevistados da comunidade quilombola Maria Conga, de acordo com o gênero e idade	27
Fig. 5 -	Grau de escolaridade dos informantes	27
Fig. 6 -	Citações de acordo com o gênero	28
Fig. 7 -	Distribuição de coletas por famílias	34
Fig. 8 -	Espécies mais citadas.....	35
Fig. 9 -	Espécies mais citadas	36
Fig. 10 -	Partes utilizadas	37
Fig. 11 -	Número de espécies por categoria	48
Fig. 12 -	Alimentícias	61
Fig. 13 -	Panfleto do convite para as oficinas	66
Fig. 14	Oficinas	67

LISTA DE TABELAS

Tab. 1 - Plantas coletadas	38
Tab. 2 - Importância Relativa	49
Tab. 3 - Fator de Consenso dos Informantes	52
Tab. 4 - Plantas medicinais	56
Tab. 5 - Plantas ritualísticas	65

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A - Plantas Adquiridas

APG - Angiosperm Phylogeny Group

CAAE - Certificado de apresentação para apreciação ética

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa

CFCH - Centro de Filosofia e Ciências Humanas

LC - Menos Preocupante

N/E - Nativa ou Exótica

NC1 - Número de Citações

NC2 - Número de Coleta

NE - Não encontrada

IN - Indeterminada

NT - Número de tombo

RCLE - Registro de Consentimento e Livre esclarecimento

SUS - Sistema Único de Saúde

VU - Vulnerável

N_t - Espécies usadas

FCI - Fator de Consenso dos Informantes

N_{ur} - O número de usos em cada categoria

NSC - Números de Sistemas Corporais

NSCE - Números de Sistemas Corporais tratados por uma determinada espécie

NSCEV – Números de Sistemas Corporais tratados pela espécie versátil

NP - Número propriedades

NPE - Números de Propriedades atribuídas à uma determinada espécie

NPEV - Números de Propriedades atribuídas à espécie mais versátil

IR - Importância Relativa

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. OBJETIVOS	19
2.1. Objetivo Geral	19
2.2. Objetivos Específicos.....	19
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	20
3.1. Área de estudo	20
3.2. Comitê de ética na pesquisa	23
3.3. Da seleção dos participantes a coleta de dados.....	23
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	26
4.1. Seleção dos participantes	26
4.2. Perfil sociodemográfico	27
4.3. Percepção local sobre a construção da comunidade e a interação botânica em trajetórias de vida	29
4.4. Espécies coletadas	33
4.5. Categorias de Uso	48
<input type="checkbox"/> Uso Medicinal	49
<input type="checkbox"/> Uso Alimentício.....	60
<input type="checkbox"/> Uso Ornamental.....	61
<input type="checkbox"/> Uso Ritualístico	62
5. RETORNO	66
6. CONCLUSÃO	68
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69

1. INTRODUÇÃO

Um lugar com recursos inestimáveis e habitado por povos nativos. Assim era o Brasil que foi ocupado por portugueses a partir de 1500, pós Tratado de Tordesilhas (1494) que dividia o mundo extra europeu em áreas de domínio entre Portugal e Espanha. Essa proximidade de datas faz supor que Portugal sabia da existência dessa região antes mesmo da expedição calibrana (IBGE, 2020).

Desde o primeiro contato os Europeus questionavam a humanidade e a cultura da população ali existente, fato esse que motivou intenso processo de aculturação. As terras vislumbradas pelos portugueses favoreciam a exploração, entretanto, longe de Portugal e sem mão de obra para extração de tais recursos, esses colonizadores começaram a arquitetar a escravidão dos habitantes originários da região (BOTOSSO, 2015).

Os tupis foram os que tiveram maior contato com os europeus nos primeiros séculos de exploração, uma vez que eram os habitantes originais do litoral brasileiro. Deixaram muitas marcas de sua cultura, sendo a Amazônia o lugar que conserva memórias mais fortes da cultura ameríndia de forma geral na atualidade, porém, podem ser observados traços culturais desses povos em todo país. Nos primeiros séculos de colonização o tupi era a “língua geral” falada sofrendo um processo lento de substituição pelo português (GASPAR, 2004).

A intenção inicial dos colonizadores era dominar o território e obter riquezas através do uso da mão de obra nativa, em contrapartida, os nativos sofrendo com essa invasão, através da compreensão da verdadeira intenção de que ali os portugueses desejavam se estabelecer e escravizá-los, não deixavam de resistir e lutar pelos seus direitos, entretanto, muitos eram caçados e exterminados (BOTOSSO, 2015).

Esse contato trouxe consigo diversas enfermidades que provocaram contaminações para a época (exemplo: sarampo e varíola em 1560) reduzindo a população nativa. Com essa redução populacional somada à resistência ao processo de escravização, além de fatores atrelados aos interesses dos portugueses, os colonizadores recorreram ao tráfico de povos africanos, salientando que cada fato ocorrente nesse período histórico traz consigo o marco da desigualdade racial e social à sociedade brasileira que causa graves reflexos até os dias de hoje (BOTOSSO, 2015; IBGE, 2018).

Em território brasileiro separados de seus vínculos, africanos escravizados habitavam em senzalas sem condições sanitárias, sem supervisão médica padecendo com doenças que se tornavam endêmicas como: tuberculose, tifo, sífilis, verminoses, disenteria, malária, etc.

Trabalhavam na agricultura cultivando para a exportação (cana-de-açúcar, algodão, fumo, café, dentre outras), em serviços domésticos, urbanos, e até mesmo na mineração para extração de metais preciosos (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988).

Os considerados de ofício, que exerciam moagem de cana, construções, podendo ser, carpinteiros, sapateiros, ferreiros, etc. E quem realizava os serviços domésticos passava pela seleção em que como critério de escolha do “dono” para ocupar esse “cargo” era estar dentre os mais "sociáveis", cuidando esses das casas-grandes e habitações urbanas. Sabe-se que a média de vida “útil” de um escravo variava de sete a dez anos (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988; BOTOSSO, 2015).

Com o passar do tempo, africanos unidos aos seus descendentes também escravizados lutavam para recuperar a liberdade e resgatar seus aspectos culturais, desenvolvendo, assim, diversas formas do que hoje é chamado de “Resistência Negra”, como os quilombos, a capoeira, na religião através do sincretismo religioso — utilizado para manter vivas suas religiões de matrizes africanas — (SILVA, 2018).

Os quilombos eram redes de apoio aos escravos “fugitivos”, ou seja, que desejavam obter sua liberdade a qualquer custo, formando a base para uma sociedade que buscava se apropriar novamente de suas culturas através do uso coletivo da terra. Dotados de estratégias contra a estrutura escravista, a luta e a organização desses espaços marcaram o desejo de sobrevivência que fizeram desse sistema um símbolo de conhecimento e resistência, transcendendo gerações, chegando ao movimento negro contemporâneo, principalmente, através da recolocação da questão quilombola no contexto nacional, pois, ainda hoje em comunidades quilombolas existem marcas de resistência, organização buscando por cidadania e igualdade através de reivindicações pela posse da terra (SILVA, 2018).

Com a proclamação da República do Brasil em 1889 que ocorreu um ano após a abolição da escravatura, não foi assegurado nenhum benefício à população negra no Brasil. Que continuou marginalizada e na busca para a mudança desse quadro, ex-escravos e seus descendentes criaram diversos movimentos de mobilização racial negra no País (grêmios, clubes ou associações). Em 1931 o Movimento Negro ganhou força com a fundação da Frente Negra Brasileira (FNB), em São Paulo, considerada a sucessora do Centro Cívico Palmares, porém, o movimento sempre sofreu opressão e com o Estado Novo (1937-1945) que foi um momento de grande repressão política inviabilizando qualquer movimento contestatório, só após sua queda o movimento ressurgiu organizado e com maior amplitude. Outro momento de tensão foi durante o Regime militar (1964) que desarticulou o movimento no país. Já o Movimento Negro Contemporâneo surge na década de 70 trazendo consigo diversos marcos

legais, sendo uma conquista a igualdade racial na Constituição Federal de 1988, ocorrendo outras conquistas legais, sendo para fim do presente trabalho a abordagem do decreto N° 4.887, de 20 de novembro de 2003 que “regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias” (FERNANDES, 2018; DOMINGUES, 2007).

Segundo o Art. 2º do Decreto N° 4.887, de 20 de novembro de 2003:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

“Quilombolas são descendentes dos escravos negros que sobrevivem em enclaves comunitários, muitas vezes antigas fazendas deixadas pelos antigos grandes proprietários” (DIEGUES et al. 2000).

Apesar de existirem sobretudo após a escravatura, no fim do século passado, sua visibilidade social é recente, fruto da luta pela terra, da qual, em geral, não possuem escritura. A Constituição de 1988 garantiu seu direito sobre a terra da qual vivem, em geral de atividades vinculadas à pequena agricultura, artesanato, extrativismo e pesca, segundo as várias regiões em que se situam. Assim os quilombos da Amazônia, muitas vezes situados ao longo dos rios e igarapés, garantem sua subsistência com a pequena pesca, o extrativismo e a pequena agricultura. Em outras regiões, as atividades são quase exclusivamente agrícolas. Apesar de alguns trabalhos de pesquisa terem sido feitos antes da década de 80, a maioria deles é mais recente e surge no bojo da luta pela afirmação dos quilombolas como um grupo que apresenta uma cultura e uma história particular, marcadas pela influência negra não só nas atividades agrícolas, mas também nas religiosas (DIEGUES et al. 2000).

Pelo conteúdo, quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de iniciação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar. Não há como negar a presença, na liderança desses movimentos de fuga organizados, de indivíduos escravizados oriundos da região bantu, em especial de Angola, onde foi desenvolvido o quilombo. Apesar de o quilombo ser um modelo bantu, creio eu que, ao unir africanos de outras áreas culturais e outros descontentes não-africanos, ele teria recebido influências diversas, daí seu caráter transcultural (MUNANGA, 1996).

Essas comunidades também se enquadram, como tradicionais, segundo o Decreto de n° 6.040 de 7 de fevereiro de 2007 Art. 3º parágrafo I:

Povos e Comunidades Tradicionais: Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução

cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

As comunidades quilombolas se enquadram como populações tradicionais não indígenas, pois *“apesar desses dois conjuntos de populações compartilharem características comuns no que diz respeito ao conhecimento sobre a biodiversidade”*, entre elas ocorrem distinções, como por exemplo, em populações ou etnias indígenas, já que possuem história sociocultural anterior distinta da sociedade nacional e língua própria, já as populações tradicionais não indígenas utilizam o português mesmo que com variações. As populações tradicionais não indígenas receberam forte influência indígena, *“que se revela não só nos termos regionais, como nas diversas tecnologias patrimoniais de preparação de alimento, cerâmica, técnicas de construção de instrumentos de caça e pesca, etc.”* (DIEGUES et al. 2000).

As populações africanas tiveram forte influência na biodiversidade brasileira, dado que, com a chegada dos africanos, muitas espécies vegetais foram introduzidas no território nacional e, algumas foram levadas do Brasil para o continente africano e além dessa influência de habitats, ocorreram também novas condições sociais, já que plantas com morfologia semelhante foram substituídas em rituais de saúde. *“No processo histórico brasileiro, os negros realizaram um duplo trabalho; transplantaram um sistema de classificação botânica da África e introjetaram as plantas nativas do Brasil na sua cultura, através de seu efeito médico simbólico”* (ALMEIDA, 2011).

Em comunidades culturalmente diferenciadas como tradicionais indígenas ou não, costumam ocorrer fortes relações com plantas, sendo possível observar a existência de um sistema de manejo dos recursos naturais, que são marcados pelo respeito aos ciclos e pela exploração dentro da capacidade de recuperação das plantas utilizadas. Formas tradicionais de manejo, não existem somente para exploração econômica dos recursos naturais, porém, revelam um complexo conhecimento herdado pela tradição, levando à manutenção e ao uso sustentável dos ecossistemas naturais, sendo, portanto, de suma importância para estudos etnobotânicos (DIEGUES, 2000).

A etnobotânica é *“compreendida como a ciência que estuda e busca captar as diferentes dimensões da relação de grupos humanos e as plantas”*. O termo *“etnobotânica”* foi pela primeira vez utilizado em 1895, pelo botânico norte-americano John W. Harshberger, onde realizava estudos sobre plantas utilizadas pelos povos aborígenes, desde então o termo passou a ser empregado para nomear o estudo entre a relação homem-planta (RODRIGUES, 2007; VIU, 2010).

Nos dias atuais, ainda se mostra necessário a busca por registros de relatos das possíveis formas de utilizações das plantas existentes, principalmente em comunidades que costumam fazer uso de acordo com o conhecimento herdado pela tradição. Desde o processo de construção das sociedades, a caracterização do uso das plantas tem grande importância e através delas já eram obtidos recursos, tanto alimentícios (dando assim início à agricultura que facilitava a manutenção das populações crescentes) quanto através do uso para cura de doenças (podendo ser utilizadas em rituais, associadas a “deuses” ou entidades místicas da natureza), ocorrendo dessa forma o início de uma medicina primária. Ao longo dos anos, essas informações têm se perdido ou se modificado pela influência da mistura de comunidades (DIEGUES, 2000; MARCO, 2007; EVERT & EICHHORN, 2014).

Portanto, o presente trabalho apresenta o levantamento etnobotânico da comunidade quilombola Maria Conga, que fica situada próximo ao centro do Município de Magé, localizado no Estado do Rio de Janeiro. Essa pesquisa foi realizada através do registro de histórias e informações sobre categorias de usos de plantas utilizadas conhecidas por informantes locais, objetivando a preservação da memória local através da organização da relação das espécies de usos variados pela comunidade em questão.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Identificar possíveis interações da comunidade quilombola Maria Conga (Magé, RJ) com a flora da região ao qual esta situada, averiguando as formas de uso das espécies vegetais e se ao longo de seu histórico de construção o uso desse recurso ainda se torna pertinente.

2.2. Objetivos Específicos

- Identificar as espécies utilizadas pela população quilombola.
- Verificar se as espécies indicadas nas entrevistas, ainda ocorrem na região.
- Averiguar se ocorre variação do uso de acordo com o gênero e a idade dos informantes.
- Sistematizar informações passadas pelos informantes.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1. Área de estudo

Magé (fig. 1) é um município que fica situado no estado do Rio de Janeiro está inserido na região metropolitana, localizado entre a Baía de Guanabara e a Serra dos Órgãos, possuindo extensas áreas de Mata Atlântica e sua população está estimada em 246.433 habitantes. Sua área de unidade territorial é de 390,775 km² e a densidade demográfica é de 585,13 hab/km² (CARVALHO, 2016; MATOS et al., 2017; IBGE, 2020).

Este município tem grande importância para conservação da Mata Atlântica, pois, nele estão situadas diversas unidades de conservação, tanto de proteção integral, quanto parcial, como: o Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO), localizado também entre os municípios de Teresópolis, Petrópolis e Guapimirim; Área de Preservação Ambiental Suruí; Área de Preservação Ambiental Estrela; o Patrimônio Natural Querência, dentre outras (ICMBio, 2020).

Antes da chegada dos colonizadores, Magé era provavelmente habitado por tupinambás e tamoios e ao longo do século XIX o Recôncavo da Guanabara foi marcado pela presença de muitos quilombolas que mantinham relação com escravos de plantações, taberneiros e remadores de cidades próximas, formando uma rede de apoio aos fugitivos (CARVALHO, 2016; MATOS et al., 2017).

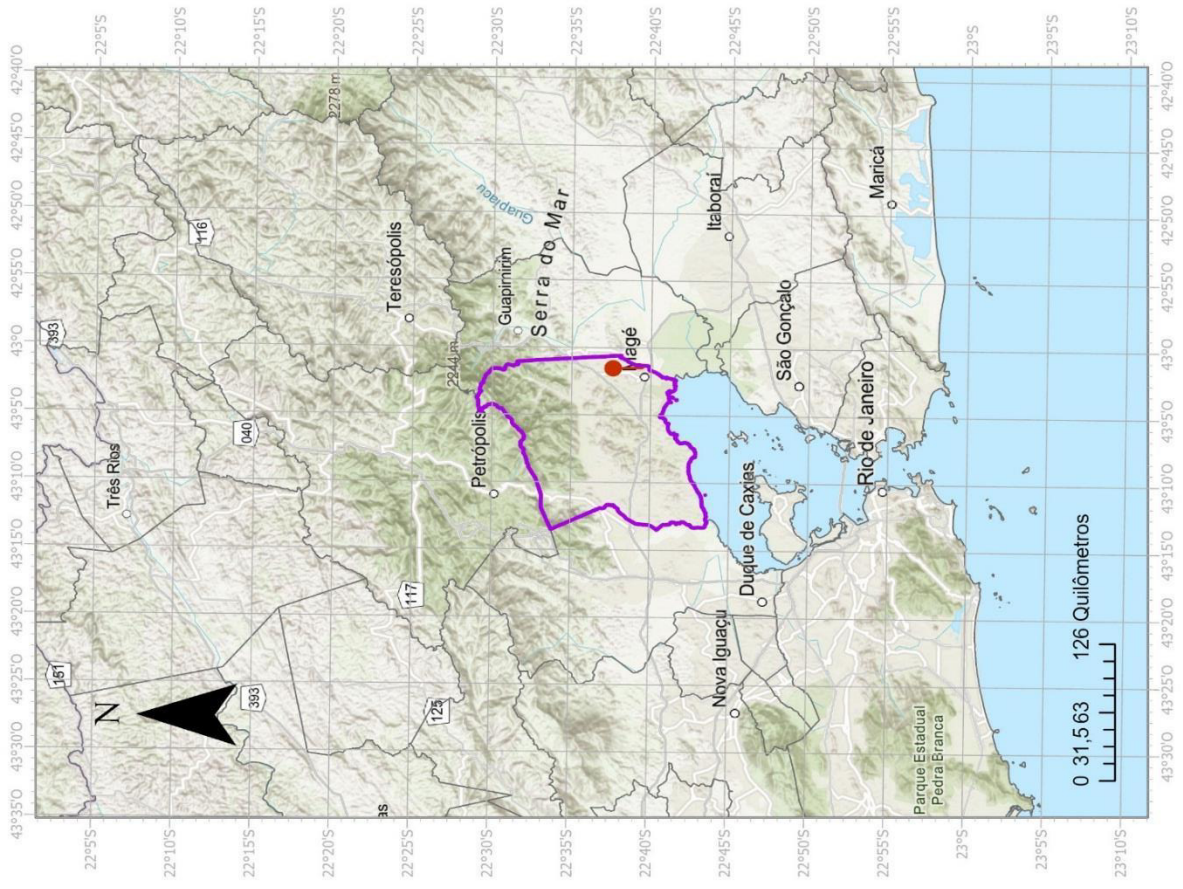
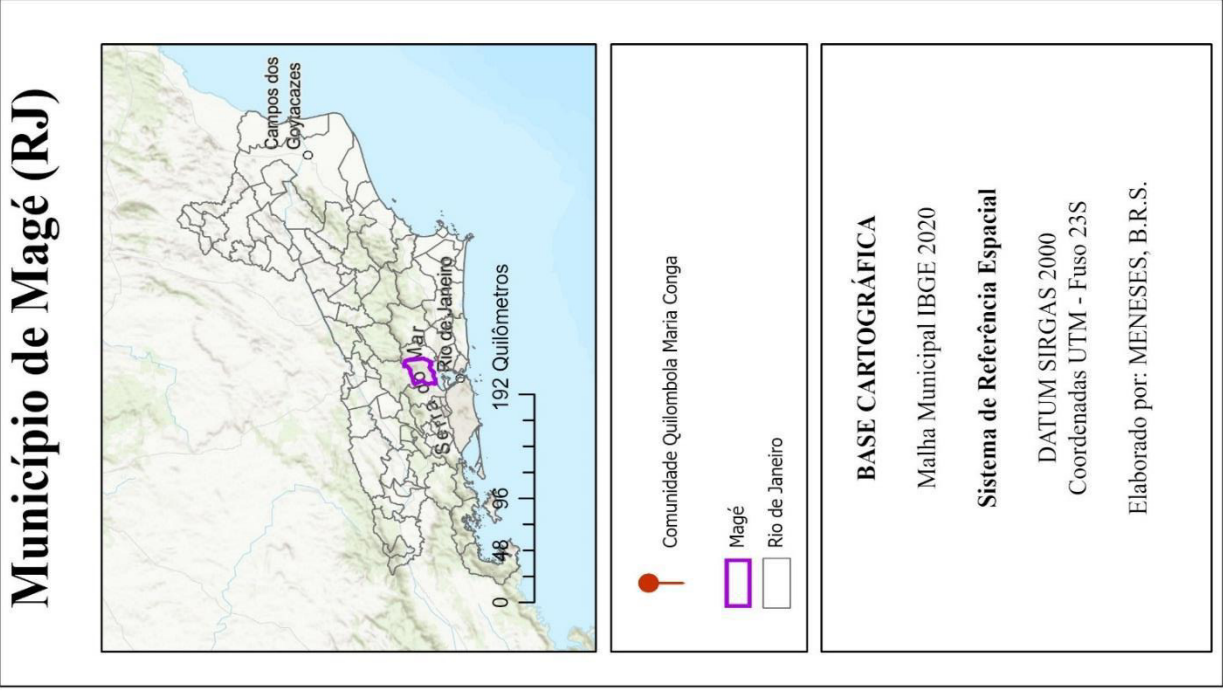


Figura 1: Mapa do município de Magé com referência a Quilombola Maria Conga.

Formando um bairro próximo ao centro de Magé, a comunidade quilombola Maria Conga (Fig. 2) foi reconhecida e identificada pela Fundação Cultural Palmares em 2007 e se identifica como remanescente do quilombo de Maria Conga, fazendo parte da Associação das Comunidades Quilombolas do Estado do Rio de Janeiro (CARVALHO, 2016; MATOS et al., 2017; MAPA DE CULTURA, 2019).

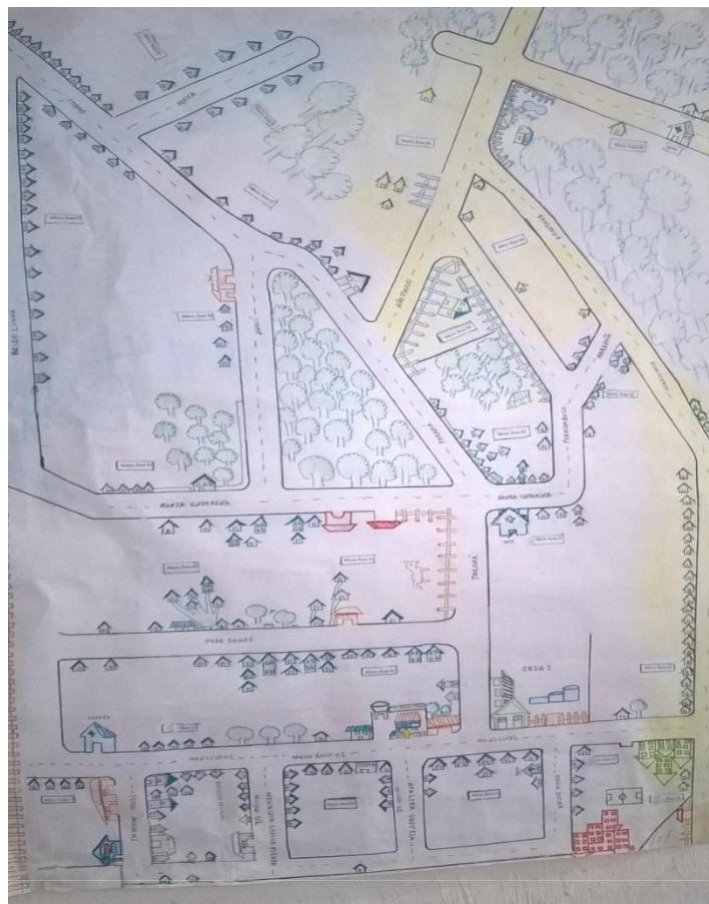


Figura 2: Mapa da Comunidade desenhado pelos agentes comunitários de saúde. (Fonte: PSF Maria Conga, Magé RJ, BR).

A comunidade quilombola Maria Conga tem grande importância no município de Magé por ser a primeira reconhecida pela Fundação Cultural Palmares na Baixada Fluminense, além de se autoidentificar como remanescente do quilombo de Maria Conga, preservando e conservando sua memória. Nascida no Congo por volta de 1792 chegou ao Brasil com sua família através do tráfico humano por volta de 1804, foi vendida para um senhor de engenho em Salvador aos 12 anos, recebendo o nome de Maria da Conceição. Aos 24 anos foi comprada pelo Conde Alemão Ferndy

Von Scoilder que possuía uma fazenda agrícola na Figueira, Fundo do Saco em Magé, foi alforriada por volta de 1854. Fundando ali uma comunidade que acolhia escravos em fuga e dava proteção aos negros refugiados da guerra contra jagunços e capitães do mato. Em 1895 faleceu se tornando um dos ícones que lutaram pela liberdade dos africanos e seus descendentes. Em 1988 no ano do centenário da lei áurea, recebeu o título de heroína oficial de Magé (MATOS et al., 2017; ZEIDAN, 2017; MAPA DE CULTURA, 2019).

3.2. Comitê de ética na pesquisa

O projeto foi apresentado ao comitê de ética através da Plataforma Brasil ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CFCH) recebendo o parecer substanciado do CEP, CAAE: 90563218.4.0000.5582.

Cada participante foi individualmente esclarecido tanto sobre a intenção da pesquisa através do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) (Anexo II), quanto ao uso das imagens através do Termo de Cessão de Direito de Uso de Imagem e Direitos Patrimoniais (Anexo III), como registrado e solicitado pelo CEP, ficando uma cópia com o pesquisador e outra com o participante.

Realizou-se também uma reunião no Posto de Saúde Familiar objetivando o convite e apresentação do projeto onde os participantes pudessem compreender a necessidade da pesquisa na área e esclarecer possíveis dúvidas.

3.3. Da seleção dos participantes a coleta de dados

A fim de conseguir candidatos iniciais que se enquadrassem no perfil de conhecedores de plantas e estabelecer uma prévia confiança “rapport” com esses, através de um esclarecimento geral a respeito da importância da pesquisa que seria realizada no local, foi planejada uma reunião previamente informada à comunidade através de informativos na Unidade de Saúde Familiar Maria Conga e panfletagem. Foi utilizado o método de amostragem não probabilística “Snowball” conhecido também como “Bola de Neve”, em que os informantes iniciais indicaram novos informantes e assim sucessivamente, facilitando o encontro de “especialistas locais”, que são pessoas indicadas por seu amplo conhecimento sobre a flora local (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004).

Cada participante ao aceitar participar após ser esclarecido individualmente assinou o Registro de Consentimento Livre e Esclarecido (RCLE) e foi entrevistado através do modelo de entrevista “semiestruturada” (Anexo I) — visando não condicionar a resposta do informante

a um padrão de alternativas —, obtendo função de coleta de dados pessoais e dados relacionados à identificação de plantas atreladas ao seu universo cotidiano.

O modelo “semiestruturado” consistiu em perguntas abertas e fechadas, a fim de definir o perfil sociodemográfico dos participantes, além de coletar informações sobre a história do morador na comunidade e sobre seu processo de aprendizado de uso das plantas. Com o objetivo de preservar a identidade do participante, em falas transcritas foi utilizado o termo “informante” e sua numeração de acordo com a ordem de entrevista para identificação do mesmo, também foi substituído em suas falas os nomes de pessoas citadas por eles pela sua relação com o entrevistado — amigo, pai, mãe, avô, avó, dentre outros — (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004; MOURA & ANDRADE, 2007; BALDIN & MUNHOZ, 2011).

As plantas foram listadas livremente “lista livre” por cada participante de acordo com o que cada um em sua particularidade considerava mais importante e para o encontro dos vegetais indicados, foi utilizada a técnica “turnê guiada” em que o participante percorre a área com o pesquisador e disponibiliza os recursos, resultando em coletas em quintais, calçadas, ruas, beira de valas e em uma área comum denominada pelos participantes de “Mata”. As entrevistas ocorreram entre julho de 2018 a dezembro de 2018, entretanto, houve retorno para incrementação de dados e coletas de plantas citadas de janeiro a novembro de 2019 (MANZINI E. J, 2018).

Os dados foram avaliados construindo uma lista de espécies utilizadas na localidade, e as plantas, coletadas a fim de legitimar a pesquisa e aumentar a confiabilidade das informações passadas pelos informantes. As amostras foram preparadas, secas, montadas e herborizadas para serem identificadas e os materiais testemunho foram depositados no herbário do Museu Nacional (R). Os táxons foram identificados segundo bibliografia específica de cada grupo e organizados seguindo o Angiosperm Phylogeny Group IV (2016). Igualmente, com a finalidade de examinar dados botânicos, atualizar os nomes científicos e nomes de autores foram consultados os sites: Flora do Brasil (2020) para plantas nativas e naturalizadas e o The Plant List para exóticas (FIDALGO & BONONI, 1984; SYLVESTRE & ROSA, 2002; ALBUQUERQUE, 2008; ALBUQUERQUE 2012).

Para discussão dos dados relacionados às categorias, foram tratados os quatro usos mais citados pela comunidade, sendo eles: medicinal, alimentício, ornamental e ritualístico. Dando-se enfoque mais detalhado nos usos medicinal e ritualístico, devido o modo de preparo estar intimamente ligado à eficácia no caso de algumas espécies, segundo relatos de informantes.

Para análise dos dados medicinais foram utilizados os cálculos de Importância Relativa (IR) verificando se as espécies mais citadas são as que apresentam maior versatilidade quanto ao uso, seguindo a fórmula de Bennett e Prance (2000): $IR = NSC + NP$, para encontrar NSC usa-se $NSC = NSCE/NSCEV$ e para encontrar NP usa-se $NP = NPE/NPEV$, onde o valor máximo a ser obtido pelo IR é 2. Para verificação do Fator de consenso dos informantes, foi utilizada a fórmula de Troter & Logan (1986): $FCI = Nur-Nt/Nur-1$. Foi consultado o Código Internacional de Classificação de doenças CID-11 para estatística de mortalidade e morbidade para a nomeação de sistemas de classificação de doenças ocorrentes na comunidade visando sempre as falas e informações passadas pelos entrevistados para evitar divergências (ALBUQUERQUE & LUCENA, 2004; BARBOZA DA SILVA et al. 2012).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. Seleção dos participantes

A reunião inaugural foi preparada de forma a informar aos participantes o objetivo do trabalho que seria realizado no local e convidá-los a participação, através da compreensão da necessidade de ocorrer pesquisa de tal natureza na região. Foram distribuídos panfletos para o convite dos moradores e fixados informativos sobre o evento no antigo Posto de Saúde da família de Maria Conga (PSF), agora, Unidade de Saúde da Família Maria Conga (USF), onde com a ajuda dos Agentes Comunitários de Saúde da Unidade e total envolvimento na divulgação da apresentação da pesquisa, resultou na presença de 14 participantes (fig. 3).



Figura 3 - Reunião realizada no Posto de Saúde da família Maria Conga.

4.2. Perfil sociodemográfico

A seleção dos informantes resultou em 25 indicações sendo oito homens com idades entre 39 e 64 anos e 17 mulheres com idades variadas entre 29 a 92 anos, sendo a média de idade do grupo analisado de 62 anos (fig. 4). O grau de escolaridade majoritariamente correspondeu ao ensino fundamental incompleto (14 informantes) e um completo, seis o ensino médio completo dos quais, dois chegaram a cursar nível técnico e três que apesar de cursarem o ensino médio não conseguiram concluí-lo, apenas um dos entrevistados concluiu ensino superior (fig. 5).

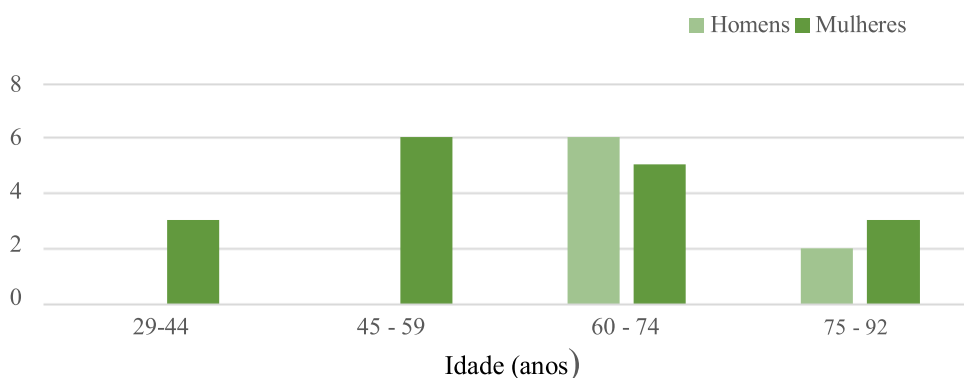


Figura 4: Distribuição dos entrevistados da comunidade quilombola Maria Conga de acordo com gênero e idade.

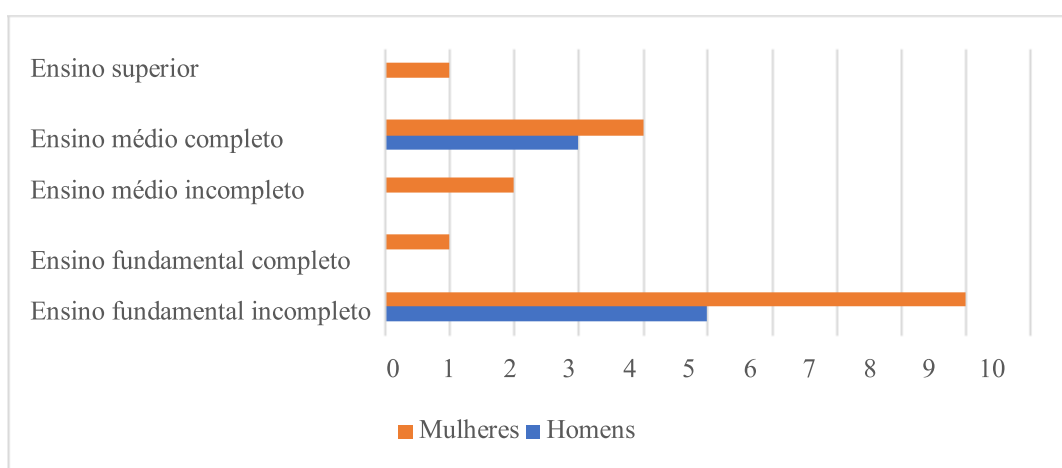


Figura 5: Grau de escolaridade dos informantes

Cabe dizer que, uma planta pode ter sido indicada para mais de um uso, que ocorreu citação de espécies não encontradas na região ou até mesmo de plantas adquiridas. Informantes do sexo feminino citaram 180 para o uso medicinal, 51 para uso alimentício, 45 para uso ritualístico, 26 para o uso ornamental, três plantas tóxicas, três de uso coméstico, uma para construção e uma de uso tecnológico, totalizando 310 citações.

Já os informantes do gênero masculino citaram 82 para o uso medicinal, 59 para o uso alimentício, 27 para ornamental, quatro para uso ritualístico, três para uso tecnológico, três plantas tóxicas, três cosméticos, uma para construção e uma para uso veterinário, totalizando 183 citações.

Através da análise dos dados foi possível observar o sexo feminino como maior detentor do conhecimento sobre plantas de forma geral, sobretudo, medicinais como comumente ocorre em muitos trabalhos etnobotânicos (DAVID, 2015; VIU et al. 2010, VASCONCELOS & DALCIN, 2008, dentre outros).

Ambos os gêneros citaram mais plantas para o uso medicinal e alimentício. Em se tratando do uso ritualístico observa-se grande disparidade de citações entre os sexos, e apesar de mais citado que plantas ornamentais por mulheres, tornam-se em menor quantidade de citações quando comparado a esta categoria de uso no total geral. Exceto uso ritualístico e veterinário, observa-se determinada linearidade nas preferências para indicações (fig. 6).

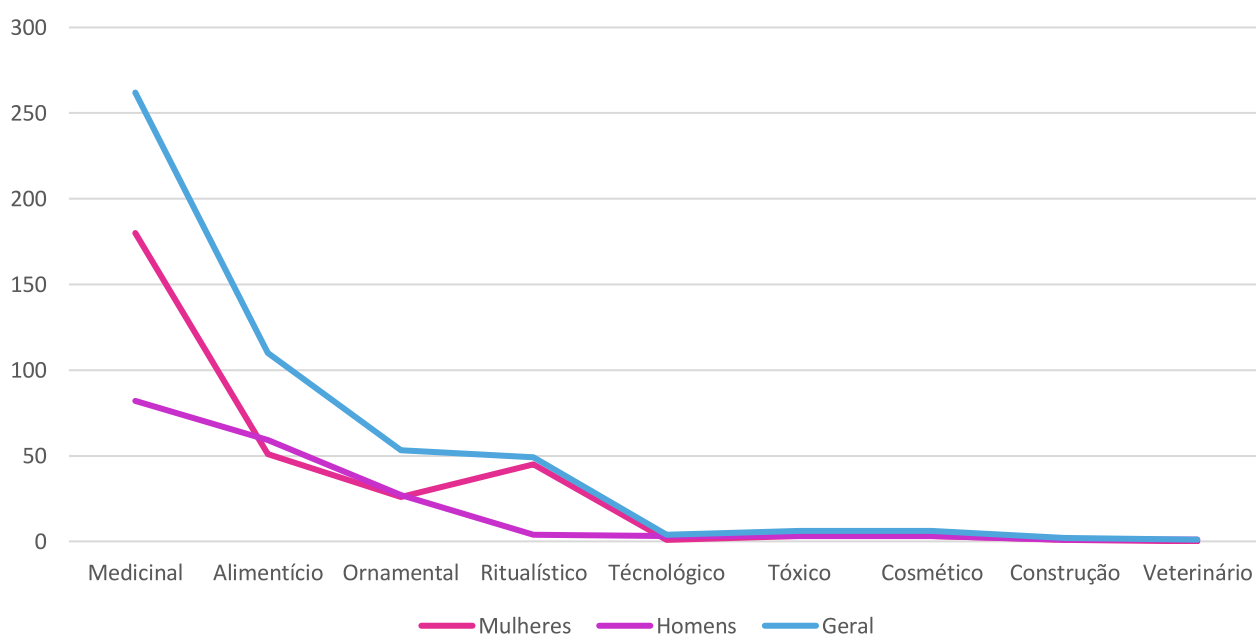


Figura 6: Citações de acordo com o gênero

4.3. Percepção local sobre a construção da comunidade e a interação botânica em trajetórias de vida

Sendo um quilombo extenso e com percepção própria sobre sua construção, é possível notar que a história de formação da comunidade (mesmo que com variações) é conservada através do conhecimento de moradores do local como observado em diversas falas dos entrevistados, ficando claro em relatos sobre a geografia do bairro à relação direta com atuação de Maria Conga. *“Já ouvi o pessoal falar”* [...] *“Refugiados vieram pra cá os negros”*; *“Essa tal de Maria Conga era muito querida né!”* (Informante 20, 2018).

Esse nome aqui ganhou pelo apelido de uma escrava que veio, foi vendida, que veio para aqui nesse bairro, e essa escrava ela, ela foi vendida pela um alemão que trouxe ela, aí ela fico ai no bairro, e isso ganho o nome de Maria Conga o pessoal acostumou. Não foi na minha época, eu nem era nascido (Informante 2, 2018).

Inigual a história que conta! Que a escrava que é a Maria Conga, ela também, ela fugiu e veio parar aqui na Maria Conga, essa escrava que teve os filhos dela aqui [...] Fugiu e se escondeu aqui e fez o quilombo, fez o quilombo aqui no Maria Conga, aonde ela se escondia que daqui passava pra ir pra Piedade e tudo [...] Ela é uma escrava que ela veio, foi transferida, veio de navio pa Piedade, de Piedade. — Diminuindo o tom de voz exclama: Eu falo e me arrepia! — Não sei porque falo dessas coisas e me arrepia! Aí ela veio, ali tinha, ali na piedade tem um túnel, aí que vai sair aqui na biquinha, aí aqui é o quilombo dela, aqui é Maria Conga [...] Magé era tudo escravo! (Informante 15, 2018)

Que eu sei mais ou menos né! Que aqui a muito tempo atrás, é... Tipo, bem no comecinho, lá naquele século lá! Passou muito escravo por aqui, não só por aqui, como no Morro do Bonfim! Na piedade. E aqui na Maria Conga, tipo! Se instalou o quilombo onde teve o quilombo né! E a Maria Conga que é muito famosa, a é... a escrava Maria conga que é muito famosa, e tem essa história toda! Eu mais ou menos sei pedacinho disso! É isso que eu sei [...] Ai por esse! deve ser por esse motivo. Aí tem o nome Maria Conga, deram esse nome pro bairro por causa desse fato histórico que aconteceu! (Informante 21, 2018).

Maria do Congo, pessoal em Magé fala Maria conga, mas o apelido do Bairro aqui é Maria do Congo, porque, era uma negra escrava que foi moradora aqui muitos anos e quando ela faleceu botaram o apelido do bairro de Maria do Congo [...] Eu sei por causa de um amigo meu, que é professor [...] ele sabe essa pesquisa todinha [...] Então aqui é bairro Vila nova, só que tem que o apelido de Maria Conga, só que não é Maria Conga é Maria do Congo! (Informante 9, 2018)

Ela veio de algum lugar, foi comprada por um senhor, aí um senhor vendeu pro outro senhor de fazenda, vendeu pra outro senhor de fazenda, então esse senhor de fazenda usou ela, ela era virgem, então aquilo não aceitou ela se guar... ela se recolheu em copas, não falou, não botou aquilo pra fora, porque, antigamente as pessoas eram muito reservada, aí depois ela fugiu pra Petrópolis, aí em Petrópolis foi onde ela fez o quilombo, aí todos os escravos fugitivos ela pegava, porque, ela se escondia e o senhor queria pegar ela, ela era uma negra bonita! [...] O quilombo foi feito aqui em Magé, o quilombo que ela fez foi o dela, pra esconder escravos [...] Essa região aqui foi a fazenda [...] Ali era a casa grande [...] Aqui tem o monumento do padre Anchieta, aonde tem o poço bento, que quando ele chegou com os portugueses foi o primeiro poço, que eles tomaram a água, água limpa, então ali é muito reservado (Informante 17, 2018).

Alguns informantes também relataram um pouco de seu histórico familiar, e qual a sua relação com a comunidade.

A minha bisavó, ela nasceu em 1874, quando acabou a escravidão ela tinha 14 anos e ela tomou conta dos filhos dos escravos, e ela já era da lei áurea, da lei áurea não, da lei do ventre livre [...] Conheci ela, ela tava bem velhinha, só não conheci, só não conheci, a minha vó, engraçado né? Minha vó, eu não conheci, conheci a bisavó, mas não conheci minha vó[...] Meu avô eu conheci, esse aí já nasceu em 1900 e minha vó também já quando, quase nessa data quase também[...]Então aí! eu conheci meu avô, e conheci a bisavó, não conheci a avó e nem conheci pela parte do meu pai, esse é pela parte da mãe, e pela parte da minha mãe eu só conheci a minha bisavó e não conheci avó.[...]A Minha bisavó morava lá na rua [...], mais ou menos eu cálculo, eu vim aqui em 55 ela veio a falecer em 56, 57[...] Eu morava lá também, eu nasci lá[...]E no passado tinha uma dança chamada de corta jaca...Ela contava essa dança que tinha, na senzala, que os pessoal dançava e tal, e ela morou em [...] é aqui em Magé mesmo perto de Centrolândia, ela contava, meu tio nasceu em [...], entendeu? Depois que eles vieram para [...], eu gostava sempre de conversar com ela [...] Aí ela disse que dançava ia pra lá, vinha pra cá, mas um, eu não peguei bem o ritmo não, era dança dos escravos [...] Ela contava [...] Aí ela era nova né, ela era nova, mas aí ela guardou tudo na mente... Então os filhos dos escravos, que não era os escravos, tomava conta dos filhos de outros escravos pa poder olhar os escravos trabalhar, até, até vir a liberdade [...] Eram obrigados né porque naquela época, tava; ainda não tinha vindo a liberdade [...] Meu avô ele nasceu em 1900, aí já tinha a república já! (Informante 2, 2018).

Meu pai quando veio pro Brasil, pra cá ele tava com aninhos, se ele tivesse vivo ele é de mil... ele já tava com cento e poucos anos [...] Quando ele disse que teve a lei áurea, ele me contava, ele tava com aninhos, ele vivia dentro da casa dos grandão né! Ele já nasceu já livre, como teve o ven..., como e do ventre livre, a mãe dele teve ele, a mãe dele era escrava, mas ele como teve o ventre livre, ele nasceu livre, ai ele não ficava na senzala, ele ficava dentro da casa grande, mas ele tinha 5 anos quando foi escrito mesmo, a lei áurea mesmo[...]Ah! Veio de Muriaé[...]Meu pai quando nasceu era de ventre livre, a mãe dele era escrava mas ele era de ventre livre[...] Meu pai era um negão muito bonito [...] Mas ele era alto, e ele foi tipo assim, quando ele foi crescendo, já aqui ele foi capataz, ai ele tomava conta dos escravos pra não fugir [...] Tenho desconfiança que a velha Maria Conga é alguma coisa dele[...] Tenho irmão mais velho que minha mãe, tenho irmão que conheci agora, que ta com 87 anos (Informante 15, 2018).

Foi muito boa! Porque quando eu.. Em 1992, quando a gente montou a associação de moradores, eu já sabia da história de Maria Conga né! Que existia uma.. uma escrava que foi.. veio do Congo pra qui pra comunidade.. Mas aí foi bom né, porque, até porque aí eu fui aprendendo muito né! Porque aí também, eu cresci no movimento negro no estado do Rio de Janeiro, e, e em 92, e fui aprendendo né. E assim, então em 2003 que a gente começou aqui dentro, se auto declarar quilombola mesmo, porque, a gente na época, a gente falava que era remanescente de escravos. A gente não falava que era, quilombola né! Falava que era remanescente de escravo. Aí depois 2003, que veio a primeira conferência em 2005 né? De igualdade racial e a gente já foi como quilombola de Maria Conga, fomos representar! (Informante 23, 2018).

Nem todos os informantes residentes do local nasceram em Magé (11 informantes), chegando ao bairro por outros motivos – casamento, busca por recursos, parentes, dentre outros –, entretanto, esses desenvolveram conhecimentos sobre a flora local, conhecimentos esses que muito contribuíram para a construção do presente trabalho. Como é o caso de informante 6 que

nasceu em 1927 na Bahia, chegando no bairro através de seu casamento e residindo desde 1956, foi indicada no bairro por ter atuado em sua juventude fazendo partos e rezas na região.

O [...], a mulher dele tá pra ganhar neném, então eles conversaram comigo agora no telefone, aí então ela já passou de nove mês, e a criança, eu falei pra ela que a criança é homem, entendeu? Porque a Lua já foi nova né, aí então a lua, menina nasce da lua cheia né! Não sei se você sabe disso! [...] Aqui eu, a mulher pegava gravidez, aí eu olhava assim né! (Informante 6, 2018).

Assim como no caso da informante 6, a informante n° 25 nasceu em outra região e mudou-se pelo motivo de casamento. Ela conta que nasceu em 1945 em Tomás Coelho, Rio de Janeiro, mas que reside há 25 anos na região com seu esposo (informante 24) nascido na comunidade e com quem alega ter aprendido sobre as plantas da região. Já o Informante 8 nascido em 1940 em Santo Antônio de Pádua (RJ), conta que foi para região com sua esposa na busca por recursos para a cura da mesma, morando há 17 anos na comunidade.

Diferentemente dos relatos anteriores, a informante 17 que nascida em 1944 em Nova Friburgo (RJ), relata que sempre foi moradora de Magé, atualmente é proprietária de um terreiro de umbanda na localidade e conta que aprendeu sobre plantas com outra mãe de santo da região. Hoje atua como mãe de santo em sua propriedade a 40 anos na região, afirmando que atualmente seu terreiro possui 60 membros.

A pessoa escolhe aqui a Maria Conga, porque eles acha que tem, assim, como vô dizer pra você? Uma força, uma influência dos escravos, então esse batuque é deles, esse batuque quem trouxe foi à escravidão, então as pessoas, aqui tem o meu, tem um irmão meu aí embaixo, tem minha mãe de santo... (Informante 17, 2018).

Dos entrevistados, 14 informantes residem no local desde infância, acompanhando o crescimento da comunidade e em seus relatos é possível analisar o conhecimento sobre a mudança dos cenários da região relacionado à flora local, além, de que pode perceber através de relatos, memória afetiva com determinadas plantas. *“A minha mãe plantava jasmim do campo, e o pessoal chama de jasmim do cabo”* (Informante 2, 2018).

Óia! Aqui, antigamente, aqui não tinha nada, não tinha nada né! [...] Aqui tinha umas 4 casas, tá entendendo? Aí depois foi desenvolvendo mais um pouco, aí veio o postinho, aí veio a padaria, veio o minha casa minha vida, e aí agora vêm, vai botar água aqui atrás também, e aí foi desenvolvendo! (Informante 14, 2018).

Não que eu vim pra cá, quando eu vim pra cá minha mãe, vim junto com minha mãe, aí tinha pouca casa. Aí! Aqui era pouca casa, eu morava em uma casa de estuque, né mãe? A casa de estuque. Aqui, a gente foi pra escola não tinha luz nas rua, Era as Lua, as rua era tudo trilha cheia de mato ainda, minha história é assim, pronto! [...] Aqui era tudo casa de estuque [...] Num tinha água ainda também não [...] Era uma biquinha, pegava água na biquinha, era uma bica que falava que era do tempo da escravidão e o que tal da Maria da Conga existia ali também, daí todo mundo, vinha gente da rua da madeira pegar agua aqui [...] Aí assim a gente fomos criado aqui, não tinha luz, era luz era lamparina! As rua, a gente só brincava na rua quando a tinha lua bonita, essas coisa tudo! [...] Então era isso assim! [...] Ai ia um na casa do outro [...] E tamém era assim a gente, sentava muito para contar histórias, dos tempos dos negros, meu pai

memo que pegou o tempo assim depois, meu pai contava era muita história pra gente[...] Ai agora até já esqueci um mocado [...] esqueci muita coisa[...]Até as histórias que meu pai contava que eu tento, tento lembrar não consigo! [...]Aí ele botava um sofazinho assim! E a gente criança ficava perto dele, e ele contava o tempo dele quando era criança, tudinho! E ele e eu não gosto de falar não, mas ele disse que foi capitão do mato, né mãe? Meu pai foi capitão do mato! Ele era um escravo que depois pegava os outros escravos[...]Ele memo contava que ele quando veio pra cá, Magé bendize, foi ele que abriu Magé! (Informante 15, 2018).

Não, tinha muitas plantas, que não tem mais[...] Ingal o Sapê, o Sapê que a gente fazia casa de sapê você quase não vê sapê por aqui[...] Ingal por exemplo, tinha muitos, igual o caruru açúcar, pegava nos mato pra fazer agora se não vê mais caruru açúcar[...]Agora nós planta é flores [...]Eu esqueci muitas coisas[...]Cipó chumbo não tem mais aqui não[...]É Amarelinho ele (Informante 15, 2018).

Aqui! É... Tipo assim! Eu vim pra cá criança né! Minha mãe e meu pai que compraram aqui, que aqui era muito.. Não era muito povoado, era poucas pessoas, poucas casas, era muito mato! Então tinha pouquinhos pessoa, aí.. tinha uns terrenozinho, aí.. ele foi e comprou esse terreno aqui. Aí.. a gente veio morar aqui! Entendeu? A.. Assim, através disso a gente veio (Informante 21, 2018).

Era roça [...] aquela menina que passou aqui mora aqui um mocado de ano [...] nasci na casa da colega do meu pai [...] A gente moía cana! Na moenda [...] Aqui volta e meia passava a boiada, passava a boiada assim ó, pra lá, e ia pro matadouro, aí matava o boi né, antigamente não tinha negócio de açougue, não tinha negócio de mercado não [...] Por aqui era matagal puro [...] Eu uso mais é.. de negócio de fruta (Informante 24, 2018).

Atualmente de acordo com o caderno de famílias cadastradas na Unidade de Saúde Maria Conga, a comunidade apresenta 309 famílias. A informante 23 que atuou como representante e participou na busca pela certificação do quilombo, conta que em 2007 quando a comunidade foi registrada havia 180 famílias *“Na época eram pouquíssimas famílias umas 180, agora tá pra lá de 300!”*. Assegurando a importância de se conhecer a história de Maria Conga na comunidade, revela preocupação com a perda do conhecimento local sobre sua construção.

E assim, conhecer a história de Maria Conga é muito importante, muito linda. A história é muito linda, a gente se, tem orgulho né! De saber que aqui dentro da comunidade, teve uma mulher guerreira, negra, né! que foi escravizada, e logo depois ainda protegeu os escravos que fugia, né! Que vinham e eram leiloado lá no quilombo de Piedade e fugiam pra cá, conseguia chegar até aqui, e aqui ela protegia de uma forma, que eles, nunca ninguém conseguiu capturar, ninguém que chegava aqui. E ela foi uma guerreira, porque, ela morreu de velhice, ninguém, não foi assassinada né! Que ela conseguia fugir de uma comunidade pra outra, e nunca conseguiram alcançar ela, e a gente sente muito orgulho disso né! É! Por conta do tempo, hoje já não estou mais na liderança aqui na comunidade né. Mas, a gente vai dar continuidade esse trabalho, porque, já estamos montando uma associação né, praqui a história não se acabe, né! (Informante 23, 2018)

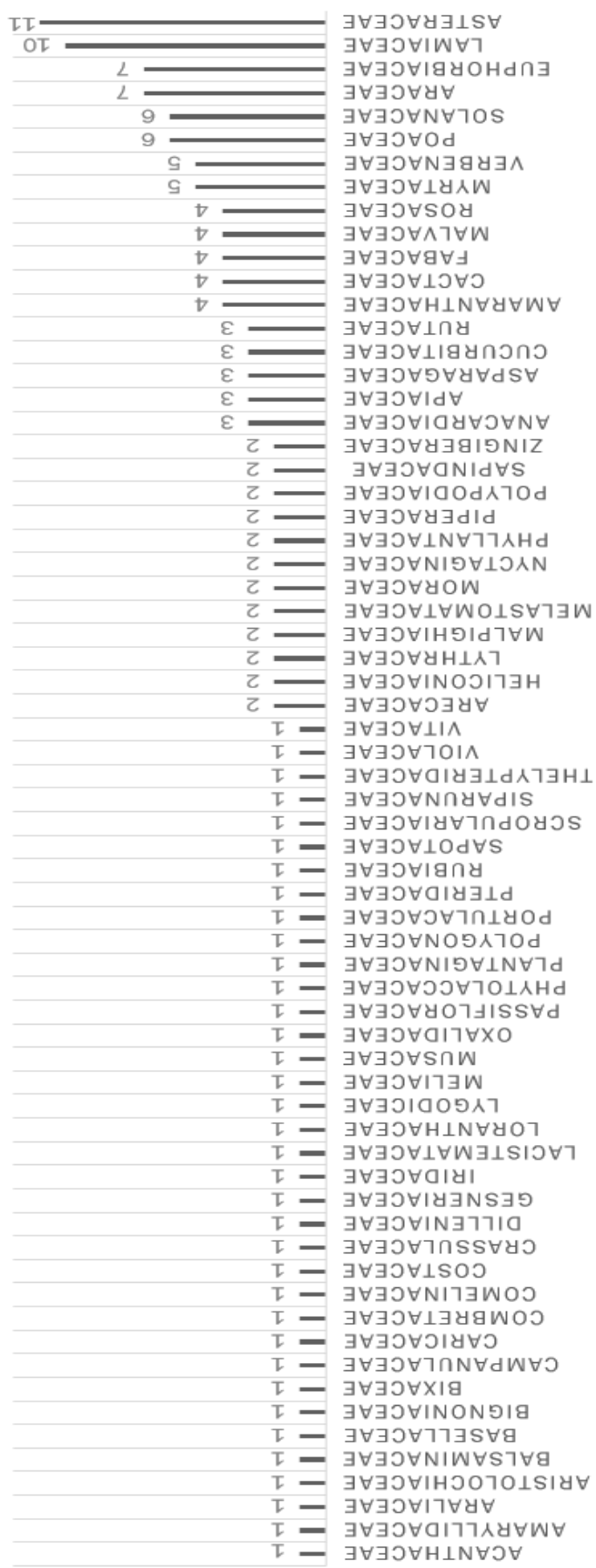
Fica evidente, portanto, que diante de tais relatos, o quão fundamental foi para a presente pesquisa conhecer um pouco da história dos entrevistados e buscar entender como suas vivências interferem no conhecimento da comunidade. E só assim, mediante, suas experiências e interações com a vegetação regional foi possível a confecção do presente trabalho.

4.4. Espécies coletadas

Das plantas citadas foram realizadas coletas (tab.1) de 152 etnoespécies, distribuídas em aproximadamente 130 gêneros de 66 famílias, sendo Asteraceae (fig. 7) a mais representada com 11 coletas. Dessas, 137 foram identificadas em nível de espécie das quais 65 eram nativas, 70 exóticas e 2 de distribuição desconhecida. Das demais espécies, 15 foram identificadas em nível de gênero e 1 espécie encontra-se indeterminada, apenas identificada sua família.

É possível observar em trabalhos similares uma maior propensão à indicação da família Asteraceae (MEDEIROS, 2003; OTÁVIA, 2007; LOPES, 2010; CUNHA, 2015; BARBOZA DA SILVA et al. 2012), podendo ser justificável por sua disponibilidade, já que é uma das maiores famílias de Angiospermas, com cerca de 1.600 gêneros e 25.000 espécies aproximadamente, e a variedade de substâncias bioativas em representantes da família (HATTORI & NAKAJIMA, 2008; BARBOZA DA SILVA et al. 2012).

Figura 7: Distribuição de coletas por famílias; Os números representam a quantidade de coletas de acordo com as famílias. Asteraceae com 11 etnosspécies, seguida de Lamiaceae com 10, Euphorbiaceae e Araceae com 7 são as famílias com maior representação



As espécies mais citadas pelos informantes foram *Schinus terebinthifolia* Raddi. (Aroeira) com 11 citações, *Musa x paradisiaca* L. (Bananeira) e *Miconia albicans* (Sw.) Steud. (Canela de velho/ Tangerina do Mato/ Vence demanda) com 10; *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson. (Erva cidreira) (Fig.8); *Costus spicatus* (Jacq.) Sw. (Cana do Brejo); *Plectrathus barbatus* Andr. (Boldo/tapete de oxalá); *Kalanchoe crenata* (Andrews) Haw. (Saião); *Ocimum basilicum* L. (Alfavaca/ Manjerição) e *Malpighia glabra* L. (Acerola) com nove; *Malpighia glabra* L. com oito; *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim cidreira/Capim limão) e *Rosa* sp. (Rosa Branca) com sete citações (Fig.9).



Figura 8: Espécies mais citadas. A-*Schinus terebinthifolia* Raddi. (Aroeira); B-*Musa x paradisiaca* L. (Bananeira); C-*Miconia albicans* (Sw.) Steud. (Canela de velho/ Tangerina do Mato/ Vence demanda); D-*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson (Erva cidreira).

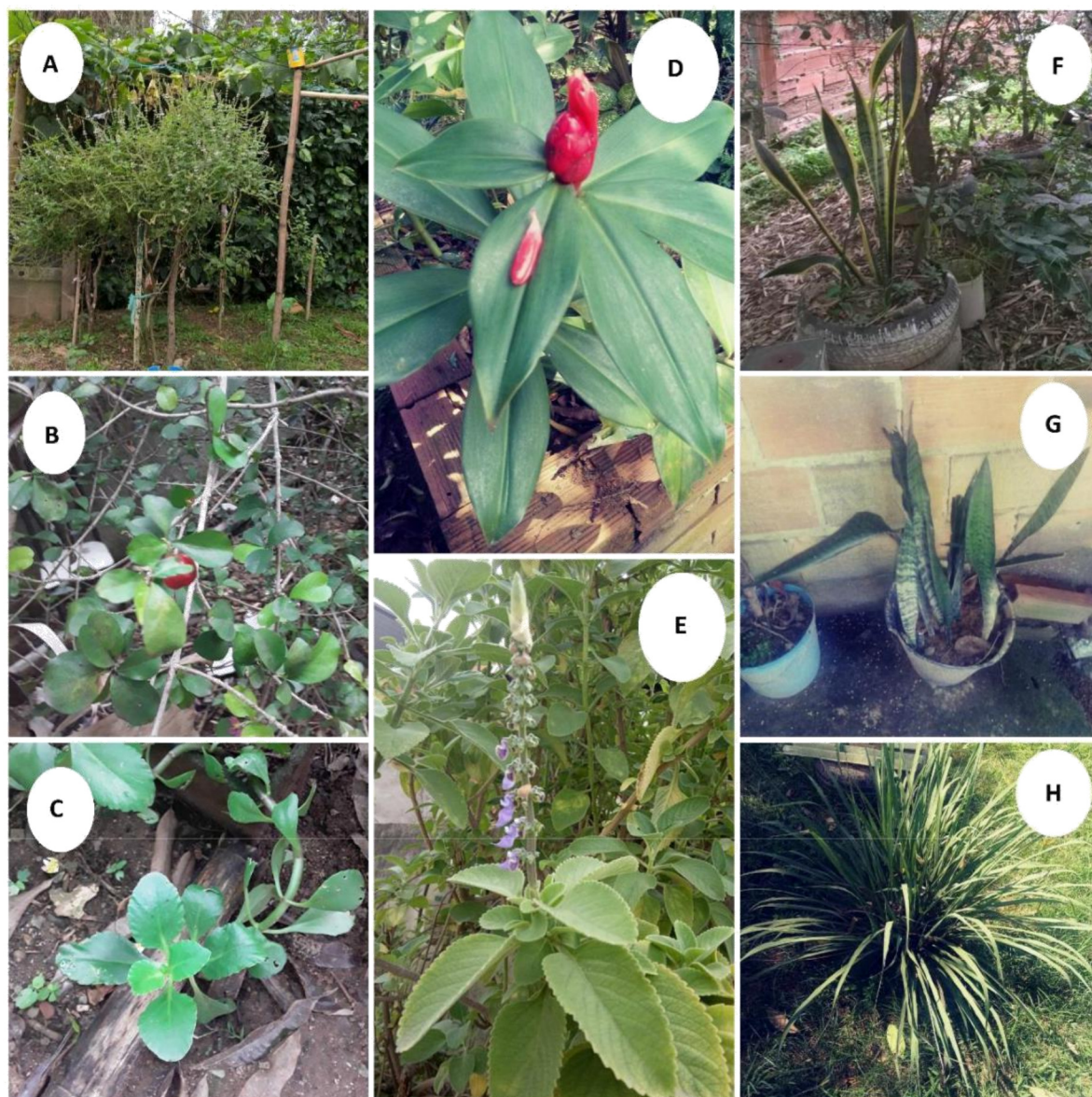


Figura 9: Espécies mais citadas. A- *Ocimum basilicum* L. (Alfavaca/ Manjericão); B- *Malpighia glabra* L. (Acerola); C- *Kalanchoe crenata* (Andrews) Haw. (Saião); D- *Costus spicatus* (Jacq.) Sw. (Cana do Brejo); E- *Plectrathus barbatus* Andr. (Boldo/tapete de oxalá); D- *Ocimum basilicum* L. (Alfavaca/ Manjericão); F- *Sansevieria trifasciata* hort. ex Prain (Espada de Santa Bárbara); G- *Sansevieria trifasciata* hort. ex Prain (Espada de São Jorge); G- *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf (Capim cidreira/Capim limão).

Das plantas coletadas as partes utilizadas são variadas como: folhas, frutos, caule, bainha, pecíolo, meristema, súber, tubérculo, látex, sementes, galhos e flores, seiva ou até mesmo a planta inteira (fig. 10). As folhas foram as partes mais indicadas, sendo esse um dado que ocorre comumente em trabalhos etnobotânicos (OTÁVIA, 2007; LOPES, 2010; ÁVILA, 2014; CUNHA, 2015).

Figura 10: Partes utilizadas

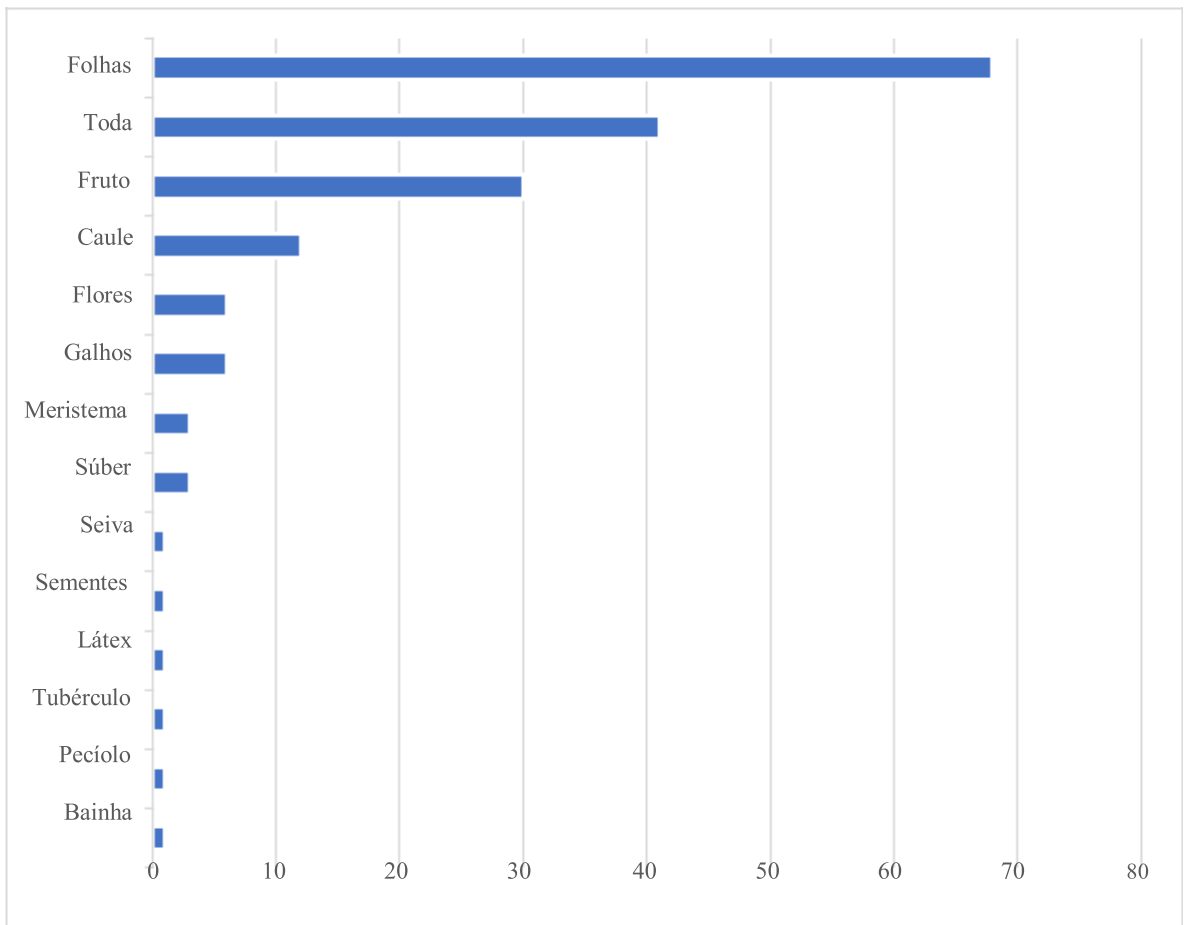


Tabela 1: Plantas coletadas; NC1 = Número de citações; NC2 = Número de coletas; NT = Número de coletas; N/E = Nativa ou Exótica; NE = Não encontrado; NR = Não registrado; IN = Indeterminada.

Família	Nomes científicos	Nome popular	N C 1	NC2	NT	Status de conser vação	N/E	Hábito	Local de coleta/Estado	Uso	Parte utilizada
Acanthaceae	<i>Pachystachys lutea</i> Nees.	Camarãozinho	1	377	238678	NE	Nativa	Arbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Amaranthaceae	<i>Alternanthera sp.</i>	Penicilina	1	64	235191	IN	IN	Erva	Mata/Espontânea	Medicinal	Folhas
	<i>Amaranthus viridis</i> L.	Caruru	2	157	238735	NE	Exótica	Erva	Quintal/Espontânea	Alimentício	Folhas
	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clements.	Erva de Santa Maria	4	318	238563	NE	Exótica	Subarbusto	Quintal/Espontânea	Medicinal	Galhos
	<i>Alternanthera brasiliiana</i> (L.) Kuntze.	Novalgina/Terramicina	3	19	235153	NE	Nativa	Subarbusto	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum sp.</i>	Planta de decorar	1	420	238790	IN	IN	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i> L.	Cajá	2	374	238482	NE	Nativa	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício	Frutos
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	4	382	238690	NE	Nativa	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Medicinal	Frutos/Súber
	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi.	Aroeira	11	33	235148	NE	Nativa	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Medicinal	Frutos/ Súber e Folhas
Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro de casa/ Coentro de peixe	4	98	238724	NE	Nativa	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício	Folhas
	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss.	Salsa	1	389	238558	NR	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Medicinal	Folhas
	<i>Eryngium coronatum</i> Hook & Arn.	Coentrão	1	416	238776	NR	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício	Folhas

Araceae	<i>Caladium sp.</i>	Tinhorão cara de cavalo	1	425	238788	IN	IN	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Xanthosoma sagittifolium</i> (L.) Schott.	Taioba	3	378	238663	NE	Desconhecido	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício	Folhas
	<i>Spathiphyllum canifolium</i> Schott.	Copo de leite	1	379	238479	NE	Nativa	Erva	Mata/Espontânea	Ornamental	Toda
	<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	Tinhorão	1	405	238671	NE	Nativa	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott.	Comigo ninguém pode	2	401	238734	NE	Nativa	Erva	Quintal/Espontânea	Ornamental	Toda
	<i>Monstera deliciosa</i> Liebm.	Costela de Adão	2	36	235142	NR	Exótica	Trepadeira	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Epipremnum pinnatum</i> (L.) Engl.	Jibóia	2	28	235134	NR	Exótica	Trepadeira	Mata/Espontânea	Ornamental	Toda
Araliaceae	<i>Schefflera arborea</i> (L.) M.Gómez.	Fortuna	1	81	238729	NE	Nativa	Arbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Arecaceae	<i>Bactris gasipaes</i> Kunth.	Palmito pupunha	1	402	238726	NE	Nativa	Erva/Palmeira	Quintal/Cultivada	Alimentício	Meristema
	<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.	Coqueirinho	1	403	238804	NR	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart.	Cipó Milome	1	101	238738	LC	Nativa	Liana	Quintal/Espontânea	Medicinal	Caule
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> hort. ex Prain.	Erva de Santa Barbara/ Espada de São Jorge	8	118	238561	NR	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental/Ritualístico	Folhas
	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer.	Lança de Ogum	2	423	238668	NR	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Ritualístico	Toda
	<i>Dracaena fragans</i> (L.) Ker Gawl.	Pau d'água	1	82	238725	NR	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Asteraceae	Sp.	Toquinho	1	61	235188	IN	IN	Erva	Quintal/Espontânea	Tóxico	Toda
	<i>Lactuca canadensis</i> L.	Almeirão	2	413	238670	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício	Folhas
	<i>Erechtites hieracifolius</i> (L.) Raf. ex DC.	Capiçoba	2	97	238542	NE	Nativa	Erva	Quintal/Espontânea	Alimentício	Folhas

		Alecrim do mato	2	424	238685	NE	Nativa	Arbusto	Mata/Espontânea	Alimentício/ Medicinal	Caule/Folhas
	<i>Baccharis dracunculifolia</i> DC.	Boldo chileno	2	74	238541	NE	Exótica	Subarbusto	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
	<i>Gynnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Picão	5	154	238552	NE	Exótica	Erva	Quintal/Espontânea	Medicinal	Folhas
	<i>Bidens pilosa</i> L.	Amor do campo	2	325	238556	NE	Nativa	Erva	Quintal/Espontânea	Medicinal	Toda
	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Assa peixe	4	67	238488	NE	Nativa	Subarbusto	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
	<i>Vernonanthura polyanthes</i> (Sprengel) Vega & Dematteis	Erva grossa	5	113	238485	NE	Nativa	Erva	Calçada/Espontânea	Medicinal	Folhas
	<i>Elephantopus mollis</i> Kunth	Erva da Lua	2	111	238731	NE	Nativa	Erva	Calçada/Espontânea	Ritualístico	Folhas
	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera	Capiçoba	1	410	238780	NE	Nativa	Erva	Quintal/Espontânea	Alimentício	Folhas
Balsaminaceae	<i>Erechites valerianifolius</i> (Link ex Spreng.) DC., <i>Impatiens walleriana</i> Hook. F.	Beijo	2	381	238689	NE	Exótica	Erva	Mata/Espontânea	Ornamental	Toda
Basellaceae	<i>Basella alba</i> L.	Bertalha	4	3	235138	NE	Exótica	Trepadeira	Quintal/Cultivada	Alimentício	Folhas
Bignoniaceae	<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	Carobinha	6	24	235141	LC	Nativa	Árvore	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	1	12	235132	NE	Nativa	Arbusto	Quintal/Cultivada	Alimentício	Frutos/Sementes
Cactaceae	<i>Schumbergera</i> sp.	Orquídea do mato	1	396	238686	IN	IN	Erva/Epífita	Mata/Espontânea	Ornamental	Toda
	<i>Rhipsalis pachyptera</i> Pfeiff	Orquídea do mato	1	414	238798	NE	Nativa	Erva/Epífita	Quintal /Espontânea	Ornamental	Toda
	<i>Pereskia grandifolia</i> Haw.	Ora-pro-nóbis	1	397	238480	LC	Nativa	Arbusto	Calçada/Cultivada	Alimentício	Folhas
	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora-pro-nóbis	2	152	238535	LC	Nativa	Trepadeira	Quintal/Cultivada	Alimentício	Folhas
Campanulaceae	<i>Hippobroma longiflora</i> (L.) G.Don	Veneno	1	326	238562	NE	Nativa	Erva	Quintal/Espontânea	Tóxico	Toda

Continuação

Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	2	409	238673	NE	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Alimentício	Frutos
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i> L.	Amêndoa	2	370	238659	NE	Exótica	Árvore	Calçada/Cultivada	Alimentício/ Medicinal	Frutos/Folhas
Comelinaceae	<i>Commelina diffusa</i> Burm.f.	Trapoeirava	1	156	238736	NE	Exótica	Erva	Quintal/Espontânea	Alimentício	Folhas
Costaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana do brejo	9	317	238658	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Medicinal/Rit ualístico	Folhas/Bainha /Peciolo
Crassulaceae	<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw.	Saião	9	17	235159	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
Curcubitaceae	<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	2	368	238661	IN	IN	Erva	Quintal/Cultivada	Medicinal	Flores
	<i>Sicyos edulis</i> Jacq.	Chuchu	2	366	238660	NE	Exótica	Trepadeira	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Medicinal	Frutos/Folhas
	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de São Caetano	2	100	238727	NE	Exótica	Trepadeira	Mata/Espontânea	Alimentício/ Medicinal/ Tóxico	Toda
Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	Cipó caboclo	2	116	238546	NE	Nativa	Liana/volúv el/ trepadeira	Quintal/Espontânea	Medicinal	Caule
Euphorbiaceae	<i>Acalypha poiretii</i> Spreng.	Parietária	1	122	238547	NE	Nativa	Erva	Quintal/Espontânea	Medicinal	Toda
	<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton	Quebra pedra	2	320	238489	NE	Nativa	Erva	Quintal/Espontânea	Medicinal	Folhas
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	1	91	238741	NE	Nativa	Subarbusto	Calçada/Espontânea	Medicinal/Tó xico	Látex
	<i>Euphorbia tithymaloides</i> L.	Planta de enfeite	1	107	238732	NE	Nativa	Subarbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	1	170	238688	NE	Exótica	Arbusto	Mata/Espontânea	Ritualístico	Folhas
	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss.	Brasileirinha	2	400	238796	NR	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Euphorbia umbellata</i> (Pax) Bruyns	-	1	58	235185	NR	Exótica	Subarbusto	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
Fabaceae	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Feijão Guandu	1	22	235156	NE	Exótica	Arbusto	Mata/Espontânea	Alimentício/ Medicinal	Frutos/Folhas

	<i>Desmodium triflorum</i> L. (DC)	Amor do campo	1	166	238486	NE	Exótica	Erva	Quintal/Espontânea	Medicinal	Folhas
	<i>Mimosa pudica</i> L.	Dormideira	1	108	238697	NE	Nativa	Erva	Rua/Espontânea	Medicinal	Folhas
	<i>Mucuna pruriens</i> (L.) DC.	Pó de mico ou cipó de mico	1	418	238743	NE	Nativa	Trepadeira	Mata/Espontânea	Tóxico	Frutos
Gesneriaceae	<i>Episcia cupreata</i> (Hook.) Hanst.	-	1	371	238772	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Heliconia</i> sp.	-	1	53	235180	IN	IN	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Heliconia rostrata</i> Ruiz & Pav.	Bananeira de Jardim	1	54	235181	NE	Nativa	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Iridaceae	<i>Neomarica candida</i> (Hassl.) Sprague	Ortilha	1	328	238687	NE	Nativa	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Lacistemataceae	<i>Lacistema pubescens</i> Mart.	-	1	47	235174	NE	Nativa	Arbusto	Mata/Espontânea	Tecnológico	Caule
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavacão	2	11	235163	NE	Exótica	Subarbusto	Quintal/Cultivada	Alimentício	Folhas
	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã pimenta	4	15	235160	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício/Medicinal	Folhas
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Alfavaca/Manjerição	9	1	235145	NE	Exótica	Subarbusto	Quintal/Cultivada	Alimentício/Medicinal	Folhas
	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Macaé	2	155	238681	NE	Exótica	Erva	Quintal/Espontânea	Medicinal	Folhas
	<i>Plectrathus barbatus</i> Andr.	Boldo/tapete de oxalá	9	85	238728	NE	Exótica	Subarbusto	Mata/Espontânea	Medicinal	Folhas
	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	3	79	238537	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
	<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Valh.) Kuntze	Erva do útero	3	63	235190	NE	Nativa	Erva	Beira da linha do trem/Espontânea	Medicinal	Galhos
	<i>Salvia splendens</i> Sellow ex Schult	Camarãozinho da flor vermelha	1	393	238785	NE	Nativa	Subarbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Solenostemon scutellarioides</i> (L.) Codd.	Folhagem de decorar	1	69	238533	NR	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda

		Hortelã miúdo	3	388	238664	NR	Desconhecido	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício/Medicinal	Folhas
Loranthaceae	<i>Mentha x villosa</i> Huds.										
	<i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart. ex Schult. f.) Mart.	Erva passarinho	3	387	238801	NE	Nativa	Hemiparasita	USF/Espontânea	Medicinal	Folhas
Lygodiceae	<i>Lygodium volubile</i> Sw.	Abre caminho	5	49	235176	NE	Nativa	Trepadeira	Quintal/Espontânea	Ritualístico	Folhas
Lythraceae	<i>Cuphea carthagenensis</i> J.F. Macbr.	Sete Sangrias	2	5	235139	NE	Nativa	Erva	Beira da vala/Espontânea	Medicinal	Galhos
	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	3	18	235155	NR	Exótica	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício/Medicinal	Flores
Malpighiaceae	<i>Mascagnia</i> sp.	Cipó cravo	1	26	235133	IN	IN	Liana/volúvel/Trepadeira	Mata/Espontânea	Medicinal	Caule
	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	9	129	238737	NE	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Alimentício/Medicinal	Frutos/Folhas
Malvaceae	<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	4	50	235177	NE	Exótica	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício	Frutos
	<i>Malva viscus arboreus</i> Cav.	Hibisco vermelho	1	84	238730	NE	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Medicinal/Ornamental	Toda
	<i>Sida spinosa</i> L.	Vassoura	2	88	238538	NE	Nativa	Erva	Quintal/Espontânea	Tecnológico	Galhos
	<i>Hibiscus rosa sinensis</i> L.	Hibisco	2	415	238669	NR	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Medicinal/Ornamental	Flores
Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.	Canela de velho/ Tangerina do Mato/ Vence demanda	10	35	235128	NE	Nativa	Arbusto	Quintal/Espontânea	Medicinal/Ritualístico	Folhas
	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don	Erva de Oxóssi	1	164	238553	NE	Nativa	Arbusto	Mata/Espontânea	Ritualístico	Folhas/Caule
Meliaceae	<i>Melia azedarach</i> L.	Para raio/ Erva de Xangô	1	120	238808	NE	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Ritualístico	Folhas
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	5	9	235143	NE	Exótica	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício	Frutos
	<i>Ficus microcarpa</i> L.f.	Figueira	1	398	238481	NE	Exótica	Árvore	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda

Musaceae	<i>Morus nigra</i> L.	Amora	2	394	238665	NR	Exótica	Árvore	Quintal Calçada/Cultivada	Medicinal	Folhas e Frutos
	<i>Musa x Paradisiaca</i> L.	Banana	10	395	238666	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Medicinal	Frutos/ Meristema/ Caulé/Seiva
Myrtaceae	<i>Myrciaria sp.</i>	Cambuca	1	376	238805	IN	IN	Arbusto	Mata/Espontânea	Alimentício	Frutos
	<i>Myrciaria glazioviana</i> (Kiaersk.) G.M. Barroso ex Sobral	Cabeluda	1	369	238662	NE	Nativa	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício	Frutos
	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel	Jaboticaba/ Jaboticaba boi	2	380	238787	NE	Nativa	Árvore	Mata/Espontânea	Alimentício	Frutos
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	6	373	238483	NE	Exótica	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Medicinal	Súber/Frutos
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	5	421	238667	NE	Nativa	Arbusto	Calçada/Cultivada	Medicinal/Alimentício	Fruto
Nyctaginaceae	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Erva de maravilha	1	316	238487	NE	Exótica	Erva	Calçada/Espontânea	Medicinal	Folhas
	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Bougainville/ Panpoula	2	90	238539	NE	Nativa	Arbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	2	10	235131	NE	Exótica	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Medicinal	Frutos
Passifloraceae	<i>Passiflora alata</i> Curtis.	Maracujá	2	412	238675	NE	Nativa	Trepadeira	Quintal/Cultivada	Medicinal	Fruto
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra pedra/Erva pombinha	1	199	238554	NE	Nativa	Erva	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas/Caulé/ Flores
	<i>Breynia nivosa</i> (W. Bull.)	Decorar	1	417	238789	NR	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Phytolaccaceae	<i>Rivina humilis</i> L.	Pimenta do reino	1	128	238549	NE	Exótica	Erva	Quintal/Espontânea	Alimentício/ Ornamental	Toda
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.	Aperta Ruã/Jaborandi	5	319	238677	NE	Nativa	Arbusto	Quintal/Espontânea	Cosmético/M edicinal	Folhas jovens
	<i>Piper arboreum</i> Aubl.	Erva fogo	1	383	238782	NE	Nativa	Arbusto	Mata/Espontânea	Ritualístico	Folhas
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Tansagem/ Transagem	5	385	238684	NE	Exótica	Erva	Quintal/Espontânea	Alimentício/ Medicinal	Folhas
Poaceae	<i>Guadua sp.</i>	Bambu gigante	1	429	238806	IN	IN	Erva	Quintal/Espontânea	Tecnológico	Caulé

	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana	5	40	235167	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Ritualístico	Caule
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim cidreira/ Capim limão	7	41	235168	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
	<i>Cenchrus purpureus</i> (Schumach.) Morrone	Anapire	1	65	238733	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Veterinário	Folhas
	<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle.	Capim citronela	1	29	235147	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
	<i>Bambusa vulgaris</i> Schrad.	Bambu	3	367	238807	NE	Exótica	Erva	Quintal/Espontânea	Alimentício/ Cosmético/ Construção/ Tecnológico	Meristema/ Caule
Polygonaceae	<i>Persicaria hydropiper</i> (L.) Delarbre	Erva de bicho	2	151	238551	NR	Exótica	Erva	Quintal/Espontânea	Medicinal	Folhas
Polypodiaceae	<i>Platyserium alciorne</i> Desv.	Chifre de viado	2	428	238672	NR	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Schellolepis persicifolia</i> (Desv.) Pic. Serm	Samambaia chorona	3	391	238773	NR	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental/Ritualístico	Folhas
Portulacaceae	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	11 horas	3	34	235149	NE	Nativa	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Pteridaceae	<i>Adiantum capillus-veneris</i> L.	Avenca	2	48	235175	NE	Nativa	Erva	Quintal/Cultivada	Medicinal/ Ornamental	Toda
Rosaceae	<i>Rosa sp.</i>	Rosa branca	7	137	238683	IN	IN	Arbusto	Calçada/Cultivada	Medicinal	Flores
	<i>Rosa sp.</i>	Rosa vermelha	1	44	235171	IN	IN	Arbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thumb.) Lindl.	Ameixa	2	6	235140	NE	Exótica	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício	Frutos
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	1	93	238540	NE	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Medicinal	Frutos
Rutaceae	<i>Citrus sp.</i>	Laranja seleta	2	372	238781	IN	IN	Arbusto	Quintal/Cultivada	Alimentício	Frutos
	<i>Citrus x aurantium</i> L.	Laranja da terra	5	68	238779	NE	Exótica	Árvore	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Medicinal	Frutos/Folhas
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	5	55	235182	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Medicinal/Ritualístico	Folhas
Sapindaceae	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Espinheira Santa	3	27	235135	NE	Nativa	Subarbusto	Quintal/Espontânea	Medicinal	Folhas

	<i>Serjania cuspidata</i> Cambess.	Cipó cabeludo	1	112	238544	LC	Nativa	Liana	Mata/Espontânea	Medicinal	Folhas
Sapotaceae	<i>Pouteria cainito</i> Radlk.	Abil	4	46	235173	NE	Nativa	Arvore	Quintal/Cultivada	Alimentício	Frutos
Scrophulariaceae	<i>Russelia equisetiformis</i> Schltdl. & Cham.	Bambolim	1	75	238536	NR	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
Siparunaceae	<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A. DC.	Nega mina/ Mãe boa	4	38	235151	LC	Nativa	Arbusto	Quintal/Espontânea	Medicinal/ Ritualístico	Folhas
Solanaceae	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta Malagueta	2	104	238691	NE	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Alimentício	Frutos
	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomatinho miúdo	4	161	238692	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Ritualístico	Frutos/Folhas
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	1	150	238676	NE	Nativa	Subarbusto	Quintal/Espontânea	Medicinal	Frutos
	<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Panacéia	4	62	235189	NE	Nativa	Arbusto	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	Manacá	1	71	238534	NE	Nativa	Arbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Brugmansia suaveolens</i> (Humb. & Bonpl. ex Willd.) Bercht. & J. Presl	Trombeta	1	139	288557	NE	Exótica	Arbusto	Quintal/Espontânea	Tóxico	Flores
Thelypteridaceae	<i>Thelypteris</i> sp.	Samambaia do mato	1	390	238777	IN	IN	Erva	Quintal/Espontânea	Ornamental	Toda
Verbenaceae	<i>Dioscorea</i> sp.	Cará	1	121	238803	IN	IN	Trepadeira	Quintal/Cultivada	Alimentício	Tubérculos
	<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz & Pav.) Juss.	Alfazema/ Alecrim de casa	2	158	238545	NE	Nativa	Arbusto	Quintal/Cultivada	Cosmético/M edicinal/Ritua lístico	Galhos
	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Gervão/ Gervão roxo	2	329	238674	NE	Nativa	Erva	Quintal/Espontânea	Medicinal	Galhos
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Erva cidreira	9	133	238550	NE	Nativa	Subarbusto	Quintal/Cultivada	Medicinal	Folhas
Violaceae	<i>Duranta erecta</i> L.	Pingo de ouro	1	73	238740	NE	Exótica	Arbusto	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda
	<i>Anchietea pyrifolia</i> (Mart.) G. Don	Suma rosa	1	37	235150	NE	Nativa	Liana	Quintal/Espontânea	Medicinal	Caule
Vitaceae	<i>Cissus verticillata</i> Kunth	Cipó Insulina	1	102	238739	NE	Nativa	Trepadeira	Quintal /Espontânea	Medicinal	Folhas

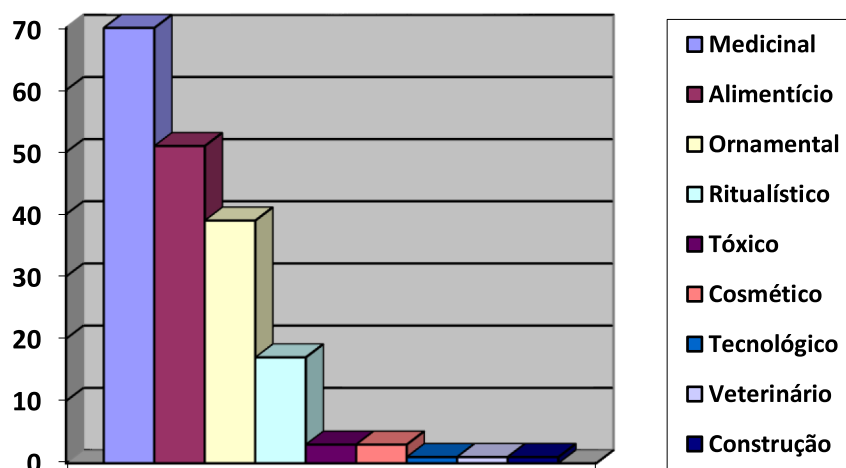
Continuação

Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt & R.M. Sm.	Colônia	4	123	238548	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Alimentício/ Medicinal/Rit ualístico	Folhas
	<i>Alpinia purpurata</i> K. Schum.	Cróton	1	51	235178	NE	Exótica	Erva	Quintal/Cultivada	Ornamental	Toda

4.5. Categorias de Uso

As etnoespécies citadas ficaram enquadradas em 9 categorias de uso: Medicinal, alimentício, ornamental, tóxico, cosmético, ritualístico, construção, tecnológico, veterinário. O uso medicinal teve maior valor de importância, uma vez que, nele ficaram enquadradas 70 plantas (fig. 11), seguido de alimentício 51, ornamental com 39, e ritualístico 18. Em Trabalhos similares onde os autores também avaliaram o conhecimento de plantas em geral de comunidades levando em conta todas as categorias de usos, é possível observar essa tendência da importância do uso medicinal (OTÁVIA, 2007; LOPES, 2010; ÁVILA, 2014; CUNHA, 2015).

Figura 11: Número de espécies por categoria



- **Uso Medicinal**

No uso medicinal a planta com maior Importância Relativa (IR) segundo sua versatilidade foi *Miconia albicans* (Sw.) Steud., apresentando valor máximo 2 (tab.2).

Tabela 2: Importância Relativa (IR). NSC - Números de Sistemas Corporais; NSCE - Números de Sistemas Corporais tratados por uma determinada espécie; NSCEV - Números de Sistemas Corporais tratados pela espécie versátil; NP - Número propriedades; NPE - Números de Propriedades atribuídas à uma determinada espécie; NPEV - Números de Propriedades atribuídas à espécie mais versátil; IR - Importância Relativa.

Família - Nome científico (Nome Popular)	NSCE	NSCEV	NSC	NPE	NPEV	NP	IR
Amaranthaceae - <i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze. (Novalgina/Terramicina)	2	4	0,5	2	7	0,3	0,8
Amaranthaceae - <i>Alternanthera</i> sp. (Penicilina)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Amaranthaceae - <i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants. (Erva de Santa Maria)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Anacardiaceae - <i>Anacardium occidentale</i> L. (Caju)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Anacardiaceae - <i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi. (Aroeira)	3	4	0,75	5	7	0,7	1,5
Apiaceae - <i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss. (Salsa)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Aristolochiaceae - <i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. (Cipó Milome)	3	4	0,75	4	7	0,6	1,3
Asteraceae - <i>Ageratum conyzoides</i> L. (Amor do campo)	2	4	0,5	2	7	0,3	0,8
Asteraceae - <i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. (Alecrim do mato)	2	4	0,5	3	7	0,4	0,9
Asteraceae - <i>Bidens pilosa</i> L. (Picão)	2	4	0,5	2	7	0,3	0,8
Asteraceae - <i>Elephantopus mollis</i> Kunth. (Erva grossa)	1	4	0,25	4	7	0,6	0,8
Asteraceae - <i>Gynnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp. (Boldo chileno)	2	4	0,5	4	7	0,6	1,1
Asteraceae - <i>Vernonanthura polyanthes</i> (Sprengel) Vega & Dematteis. (Assapeixe)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Bignoniaceae - <i>Jacaranda puberula</i> Cham. (Carobinha)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Combretaceae - <i>Terminalia Catappa</i> L. (Amêndoa)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Costaceae - <i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw. (Cana do Brejo)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Crassulaceae - <i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw. (Saião)	2	4	0,5	2	7	0,3	0,8

Curcubitaceae - <i>Cucurbita</i> sp. (Abóbora)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Curcubitaceae - <i>Momordica charantia</i> L. (Melão de São Caetano)	2	4	0,5	2	7	0,3	0,8
Curcubitaceae - <i>Sicyos edulis</i> Jacq. (Chuchu)	1	4	0,25	2	7	0,3	0,5
Euphorbiaceae - <i>Acalypha poiretii</i> Spreng.	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Euphorbiaceae - <i>Euphorbia prostrata</i> Aiton. (Quebra pedra)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Euphorbiaceae - <i>Euphorbia umbellata</i> (Pax) Bruyns. (Negócio de leite)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Euphorbiaceae - <i>Jatropha gossypifolia</i> L. (Pinhão Roxo)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Fabaceae - <i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth. (Feijão guandu)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Fabaceae - <i>Desmodium triflorum</i> L. (DC) (Amor do campo)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Fabaceae - <i>Mimosa pudica</i> L. (Dormideira)	2	4	0,5	2	7	0,3	0,8
Lamiaceae - <i>Leonurus sibiricus</i> L. (Macaé)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Lamiaceae - <i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Valh.) Kuntze. (Erva do útero)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Lamiaceae - <i>Mentha pulegium</i> L. (Poejo)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Lamiaceae - <i>Mentha x villosa</i> Huds. (Hortelã miúdo)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Lamiaceae - <i>Ocimum basilicum</i> L. (Alfavaca/Manjerição)	1	4	0,25	2	7	0,3	0,5
Lamiaceae - <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng. (Hortelã pimenta)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Lamiaceae - <i>Plectranthus barbatus</i> Andr. (Boldo/ Tapete de oxalá)	1	4	0,25	3	7	0,4	0,7
Loranthaceae - <i>Struthanthus flexicaulis</i> (Mart. ex Schult. f.) Mart. (Erva passarinho)	1	4	0,25	3	7	0,4	0,7
Lythraceae - <i>Cuphea carthagenensis</i> J.F. Macbr. (Sete sangrias)	1	4	0,25	2	7	0,3	0,5
Lythraceae - <i>Punica granatum</i> L. (Romã)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Malpighiaceae - <i>Malpighia glabra</i> L. (Acerola)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Malpighiaceae - <i>Mascagnia</i> sp. (Cipó cravo)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Malvaceae - <i>Hibiscus rosa sinensis</i> L. (Hibisco)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Malvaceae - <i>Malvaniscus arboreus</i> Cav. (Hibisco vermelho)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Melastomataceae - <i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud. (Canela de velho/ Tangerina do mato/ Vence demanda)	4	4	1	7	7	1	2
Moraceae - <i>Morus nigra</i> L. (Amora)	2	4	0,5	3	7	0,4	0,9
Musaceae - <i>Musa x paradisiaca</i> L. (Banana)	2	4	0,5	2	7	0,3	0,8

Myrtaceae - <i>Psidium guajava</i> L. (Goiaba)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Nyctaginaceae - <i>Mirabilis jalapa</i> L. (Erva de maravilha)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Oxalidaceae - <i>Averrhoa carambola</i> L. (Carambola)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Passifloraceae - <i>Passiflora alata</i> Curtis. (Maracujá)	1	4	0,25	2	7	0,3	0,5
Phyllanthaceae - <i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb. (Quebra pedra/Erva pombinha)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Piperaceae - <i>Piper aduncum</i> L. (Aperta Ruã)	2	4	0,5	4	7	0,6	1,1
Plantaginaceae - <i>Plantago major</i> L. (Tansagem/Transagem)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Poaceae - <i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf. (Capim cidreira/Capim limão)	1	4	0,25	2	7	0,3	0,5
Poaceae - <i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle. (Capim citronela)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Polygonaceae - <i>Persicaria hydropiper</i> (L.) Delarb. (Erva de bicho)	1	4	0,25	2	7	0,3	0,5
Pteridaceae - <i>Adiantum capillus-veneris</i> L. (Avenca)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Rosaceae - <i>Rosa</i> sp. (Rosa branca)	3	4	0,75	3	7	0,4	1,2
Rubiaceae - <i>Coffea arabica</i> L. (Café)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Rutaceae - <i>Citrus x aurantium</i> L. (Laranja da terra)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Rutaceae - <i>Ruta graveolens</i> L. (Arruda)	2	4	0,5	2	7	0,3	0,8
Sapindaceae - <i>Cupania vernalis</i> Cambess. (Espinheira Santa)	1	4	0,25	2	7	0,3	0,5
Sapindaceae - <i>Serjania cuspidata</i> Cambess. (Cipó cabeludo)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Siparunaceae - <i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A. DC. (Nega mina/ Mãe boa)	1	4	0,25	2	7	0,3	0,5
Solanaceae - <i>Solanum cernuum</i> Vell. (Panacéia)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Solanaceae - <i>Solanum paniculatum</i> L. (Jurubeba)	2	4	0,5	2	7	0,3	0,8
Verbenaceae - <i>Aloysia virgata</i> (Ruiz & Pav.) Juss. (Alfazema/Alectrim)	1	4	0,25	2	7	0,3	0,5
Verbenaceae - <i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson. (Erva cidreira)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Verbenaceae - <i>Stachytapheta cayenensis</i> (Rich.) Vahl. (Gervão/Gervão roxo)	2	4	0,5	2	7	0,3	0,8
Violaceae - <i>Anchithea pyrifolia</i> (Mart.) G.Don. (Suma rosa)	1	4	0,25	2	7	0,3	0,5
Vitaceae - <i>Cissus verticillata</i> Kunth. (Cipó Insulina)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4
Zingiberaceae - <i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burtt & R.M.Sm. (Colônia)	1	4	0,25	1	7	0,1	0,4

Surgiram na comunidade 16 categorias de doenças, sendo calculada Importância relativa (IR) local segundo o Fator de Consenso do Informante (FCI) (tab. 3), das categorias “Doenças do sistema muscular esquelético ou tecido conjuntivo” apresentou valor máximo (1).

Tabela 3: Fator de Consenso do Informante (FCI). N_i - Espécies usadas; N_{ur} - O número de usos em cada categoria; FCI - Fator de Consenso dos Informantes.

Categorias de doenças seguindo CID-11 (OMS, 2018)	N _i	N _{ur}	FCI
Anomalias estruturais do desenvolvimento da face, boca ou dentes	3	3	0
Causas desconhecidas e não especificadas da doença	10	11	0,1
Distúrbio do sistema digestivo	15	24	0,4
Doenças infecciosas ou parasitárias	17	24	0,3
Doenças da pele	8	8	0
Doenças do aparelho genitourinário	7	8	0,1
Doenças do ouvido ou processo mastoide	1	1	0
Doenças do sistema circulatório	10	10	0
Doenças do sistema muscular esquelético ou tecido conjuntivo	1	5	1
Doenças do sistema reprodutivo	4	6	0,4
Doenças endócrinas, nutricionais ou metabólicas	5	7	0,3
Hemorroidas ou distúrbios venosos perianais	2	2	0
Neoplasias benignas ou malignas	3	3	0
Transforno do sistema respiratório	14	22	0,4
Transornos mentais, comportamentais e do desenvolvimento neurológico	5	5	0
Trauma	1	1	0

A relação entre humanos e plantas é muito antiga, o interesse do uso medicinal de espécies vegetais é claramente demonstrado ao longo da história durante o desenvolvimento social, muitas vezes estando relacionado a “rituais de cura”, sendo o registro mais antigo conhecido é o Pen Ts’ao, de 2800 a.C., escrito pelo herborista chinês Shen Nung, descrevendo uso de centenas de plantas medicinais na cura de várias moléstias (MARCO, 2007; ALMEIDA, 2011).

Até hoje, o uso medicinal de espécies vegetais é muito pertinente, e é fonte de investigação em muitos trabalhos científicos sejam eles etnobotânicos, etnofarmacológicos, farmacológicos ou áreas relacionadas. Sobre isso ressalta-se que é uma característica sua utilização em locais de baixa renda relacionado ao fácil acesso e disponibilidade de recursos (CRUZ et al., 2017; COLET, et al., 2015).

Fatores atrelados à eficiência e disponibilidade têm sido de tal importância que, atualmente, através das Políticas e do Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PPNPM) e da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) vêm sendo implantado no Sistema Único de Saúde (SUS) o uso desses recursos (PPNPM, 2009; PNPIC, 2018; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

A preferência pelo uso de plantas como alternativa à cura de moléstias na comunidade estudada se dá devido a diversos fatores, tais como: descrença em remédios farmacêuticos, vantagem financeira, eficácia, etc. *“Se toma remédio de farmácia, quando se dá sorte com os remédios. Eu num! Eu não procuro muito médico não”* (Informante 8, 2018). *“É bom que não precisa comprar, que eu compro dela, essa daí toma xarope e não adianta, essas daqui só toma esses xarope aí ó!”* *“Só uso caseiro”* (Informante 12, 2018) *“Canela de velho serve pra câncer, serve pra diabetes, pra anemia”[...]“Vo até catar pra vender”* (Informante 5, 2018).

Aí como eu conheço alguma, algumas plantas né! Aí outra coisa larguei os remédios! E o que me curou foi erva grossa, e erva de passarinho [...]E tinha outra também que agora me esqueci! Arnica! Essas são as ervas eu tomei, me fez bem, agora fiquei curado. [...]A pessoa que fuma, eu parei de fumar! A pessoa que fuma, não digo assim todo dia, mas de uma semana, pega arnica, a erva grossa e a erva de passarinho, lava bem lavado, bate no liquidificador, coa no pano branco. Não bota leite, não pode bota leite! Tem um monte de pessoa que faz e bota leite. Não bota leite! Sabe porque, sabe o que acontece? O leite talha! [...] Só as folhas [...] No liquidificador com água [...] Vai tomando, acordo em vez de tomar café, toma um copo, a noite toma um copo também. Quem fuma também de mais é bom! (Informante 2, 2018).

Na comunidade o uso medicinal foi o mais indicado, para diversos sistemas corporais e assim como o uso ritualístico, apresentou modo de preparo específico (tab. 4) variando de acordo com a espécie.

Observe relatos dos informantes, listados abaixo:

“A carobinha serve pra qualquer novidade no corpo, carocinho no corpo, cobreiro quando empola” (Informante 11, 2018).

A goiabeira raspa aí tira aquele pedaço assim de a casca né? Aí a pessoa bota dentro dum, lava ela bota dentro da água. aí ferve, aí espera esfriar e toma aí estaca a diarreia”[...] “Cozinha a casca de caju, é a mema coisa! Bota pra ferver e banhar também [...] Pode ser, pego! um pedacinho de casca, Corto um pedacinho de casca, daí, da bota, limpa direitinho aí bota pra ferver e banha (Informante 2, 2018).

“Pra gripe, pega guaco, saião, assa peixe, alho, limão, mel e açúcar, cozinha no fogo e faz xarope” (Informante 5, 2018).

O informante 8 faz afirmação que *“Tudo quanto é remédio que amarga é bom”*, porém, como essas existem muitas crenças atreladas ao universo do uso das plantas que podem ser prejudiciais na hora de escolher um recurso, principalmente pela existência de plantas com efeito terapêutico relacionado à toxicidade (CAMPOS, S.C. et al., 2016).

Pode ser observado esse reconhecimento do risco da toxicidade de algumas plantas citadas através de falas dos informantes, por exemplo, *Plectranthus barbatus* Andrews. (Boldo ou Tapete de Oxalá) e *Gymnanthemum amygdalinum* (Delile) Sch.Bip. ex Walp. (Boldo chileno) são plantas distintas indicadas pelo informante 14 para males relacionados ao sistema digestório, cujo o mesmo enfatiza o risco caso realize consumo em excesso.

O boldo, sabe pra que serve! Uma comparação! Você comeu uma comida ta en.. mas voc.. se sentiu empachado, ta empachado. Tá se sentindo mal, entendendo? pega umas 5 folhas de boldo, tem aqui no terrero. Bota para ferver e toma! [...] Pode botar 2 copos de água[...] Daí você vai notar, daí desinpacha! [...] Pode beber um copo! (Informante 14, 2018).

Agora vo te falar um negócio! O boldo tem muitas pessoa, que fica assim; Ó to com uma ressaca! To passando mal! Ah meu coração! Vo tomar um boldo. Não pode ser muita quantidade! [...] Mas, se umas plantas, se, toda vez, to passando mal vo toma boldo! Não pode porque o boldo também da cegueira! (Informante 14, 2018).

Momordica charantia L. apesar de ter sido indicada como medicinal, foi relatado por informantes que ela apresenta riscos à saúde de mulheres grávidas por ser abortiva. *Jatropha gossypifolia* L. também é indicada por ser medicinal, porém a informante 10 alertou risco de “estourar os dentes”. Ao que se entende do relato da informante 20 *Brugmansia suaveolens* (Humb. & Bonpl. ex Willd.) Bercht. & J. Presl., tem efeito ao entorpecente *“Essa planta é perigosa! Deixa a pessoa anestesiada”*, porém, revela, que os peixes de seu lago pulam para se alimentar da planta, apesar de não fazer nenhuma indicação a respeito de uso veterinário *“Os peixes é que pulam aí pra comer, eles gostam de comer!”*. Também é o caso da Erva grossa, arnica e erva de passarinho indicada pelo informante 14 para tuberculose, onde o mesmo diz

que o “*exagero é arriscado*”. A Panaceia (*Solanum Cernuum* Vell.) também tem advertência por parte da informante 12, que não recomenda o uso em crianças “*criança já não pode por que é pequeno*”.

Bate no liquidificador, arnica, erva grossa, erva de passarinho, lava bem lavado, e coa no pano branco. Não pode colocar leite para não talhar. Só as folhas com água. Bota na geladeira e vai bebendo. Substitui o café, e um copo na janta [...] Olha uma comparação. Também não pode exagerar tem que fazer só essa quantidade mesmo, se não pode te fazer mal [...] Se for colocar, 10 folhas de cada um, mas, também não pode exagerar, qualquer coisa exagerada também as pessoas (Informante 14, 2018).

Tabela 4: Plantas Medicinais

Família	Nome científico	Nome popular	Parte	Indicação de acordo com falas de informantes	Forma de Preparo/Uso
Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants.	Erva Santa Maria	Folhas	Verme	Chá por decoção
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze.	Novalgina /Terramicina	Folhas	Dor de cabeça/Antibiótico	Maceração
Anacardiaceae	<i>Alternanthera</i> sp.	Penicilina	Folhas	Pra tudo	Chá por decoção
	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi.	Aroeira	Folhas e Súber	Cicatrizante/Coceira/Antibiótico/Antiinflamatório/Garganta	Chá por decoção/Banho/Gargarejo/Maceração
	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	Súber	Cicatrizante	Chá por decoção
Apiaceae	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss.	Salsa	Folhas	Afinar o sangue	Chá por decoção/ Acrescentar na salada na forma de alimentação
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart.	Cipó Milome	Caule	Pele/Fígado/Baço/Mal-estar.	Chá por decoção/ Garrafada
Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Amor do campo	Toda	Inflamação de Barriga/Rins	Chá por decoção
	<i>Vernonanthura polyanthes</i> (Sprengel) Vega & Dematteis.	Assa peixe	Folhas	Gripe	Chá por decoção
	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip ex Walp.	Boldo chileno	Folhas	Inflamação/ Secar machucado/ Estomago/ Fígado	Maceração/Banho/Chá por decoção
	<i>Elephantopus mollis</i> Kunth.	Erva grossa	Folhas	Pneumonia/Tuberculose/Bronquite/ Expectorante	Chá por decoção ou Xarope
Bignoniaceae	<i>Bidens pilosa</i> L.	Picão	Folhas	Males do aparelho urinário/Hepatite	Infusão
Combretaceae	<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	Carobinha	Folhas	Banho para coceira	Banho
Costaceae	<i>Terminalia catappa</i> L.	Amêndoa	Folhas	Dor nos dentes	Chá por decoção
Crassulaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana do brejo	Folhas	Soltar urina	Chá por decoção
	<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw.	Saião	Folhas	Dedo destroncado/ Gripe	Macerado
Curcubitaceae	<i>Cucurbita</i> sp.	Abóbora	Flores	Dor no ouvido	Unguento
	<i>Sicyos edulis</i> Jacq.	Chuchu	Folhas	Emagrecer/ Pressão	Chá por decoção

	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de São Caetano	Folhas e Frutos	Inflamação de barriga/ Secar Machucado	Chá por decoção/ Passar o fruto no ferimento
Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	Cipó caboclo	Folhas	Banho para caboclo	Banho
Euphorbiaceae	<i>Euphorbia umbellata</i> (Pax) Bruyns.	Negócio de leite	Folhas	Câncer	Extrato
	<i>Acalypha poiretii</i> Spreng.		Folhas	Rins	Chá por decoção
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	Látex	Dor nos dentes	Extração do Látex
	<i>Euphorbia prostrata</i> Aiton.	Quebra pedra	Folhas	Rins	Infusão/Decocção
Fabaceae	<i>Desmodium triflorum</i> L. (DC).	Amor do campo	Folhas	Inflamação do útero	Infusão/Decocção
	<i>Mimosa pudica</i> L.	Dormideira	Folhas	Infecção/Antibiótico/Lavagem vaginal	Decocção/ Ducha
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth.	Feijão Guandu	Folhas e Frutos	Dor de dente	Infusão/Decocção
Lamiaceae	<i>Ocimum Basilicum</i> L.	Alfavaca/ Manjerição	Folhas	Gripe/Pra tudo	Xarope/Decocção
	<i>Plectrathus barbanus</i> Andr.	Boldo/tapete de oxalá	Folhas	Para ressaca de cachaça/Fígado/ Enjoo	Decocção/Sumo/Macerado
	<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Valh.) Kuntze.	Erva do útero	Folhas	Inflamação uterina	Infusão/Decocção
	<i>Mentha x villosa</i> Huds.	Hortelã miúdo	Folhas	Verme	Infusão/Decocção
	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	Hortelã pimenta	Folhas	Verme	Infusão/Decocção
	<i>Leonurus sibiricus</i> L.	Macaé	Folhas	Fígado	Macerado
	<i>Mentha pulegium</i> L.	Poejo	Folhas	Soltar catarro	Xarope
Loranthaceae	<i>Struthanthus flexicaulis</i> Mart. Ex (Schult. f.) Mart.	Erva passarinho	Folhas	Gripe/Tuberculose/Pneumonia	Infusão/Decocção
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	Frutos	Gripe	Infusão/Decocção
	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F. Macbr.	Sete Sangrias	Folhas	Dor de barriga/ Infecção no intestino	Infusão/Decocção
Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	Folhas/Frutos	Gripe	Infusão/Decocção/Suco
	<i>Mascagnia sp.</i>	Cipó cravo	Caule	Purificar o Sangue grosso	Infusão/Decocção/Garrafada
Malvaceae	<i>Hibiscus rosa sinensis</i> L.	Hibisco	Flores	Emagrecer	Infusão/Decocção
	<i>Malva viscus arboreus</i> Cav.	Hibisco vermelho	Flores	Emagrecer	Infusão/Decocção/Banho
Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.	Canela de velho/ Tangerina do Mato/ Vence demanda	Folhas	Artrose/ Dor no Corpo/ Reumatismo/ Câncer/ Diabetes/ Anemia/ Dor na Coluna	Infusão/Decocção

Moraceae	<i>Morus nigra</i> L.	Amora	Folhas e Frutos	Menopausa/Reposição de hormônios femininos/Garganta/ Anti-inflamatório	Folhas e Frutos	Infusão/Decocção						
Musaceae	<i>Musa x paradisiaca</i> L.	Banana	Cacho "Umbigo"/ Cica	Soltar catarro/ Diarreia		Xarope						
Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	Súber	Diarreia		Infusão/Decocção						
Nyctaginaceae	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Erva de maravilha	Folhas	Pra tudo		Infusão/Decocção						
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	Frutos	Pressão alta		Suco						
Passifloraceae	<i>Passiflora alata</i> Curtis.	Maracujá	Folhas e Frutos	Calmante/Controlar pressão		Suco/ Infusão/Decocção						
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus tenellus</i> Roxb.	Quebra pedra/Erva pombinha	Folhas	Rins		Infusão/Decocção						
Piperaceae	<i>Piper aduncum</i> L.	Aperta Ruã	Folhas	Antibiótico/Emagrecer/Machucado/Cuidados pontos pós-parto		Infusão/Decocção/Maceração/Banho de assento						
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Tansagem/Tra nsagem	Folhas	Gripe		Infusão/Decocção/Xarope						
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim cidreira/Capim limão	Folhas	Calmante/Gases		Infusão						
	<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle.	Capim citronela	Folhas	Repelente		Garrafada						
Polygonaceae	<i>Persicaria hydropiper</i> (L.) Delarbre.	Erva de bicho	Folhas	Hemorroida/Banho contra catapora		Banho de assento/ Banho						
Pteridaceae	<i>Adiantum capillus-veneris</i> L.	Avenca	Folhas	Câncer		Infusão/Decocção						
Rosaceae	<i>Rosa</i> sp.	Rosa branca	Flores	Inflamação na vagina e corrimento/Alergia/Prisão de ventre		Infusão/Decocção						
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Café	Frutos	Estimulante cerebral		Passar água quente com café moído						
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Folhas	Sangue/Erisipela		Maceração/Banho						
	<i>Citrus x aurantium</i> L.	Laranja da terra	Folhas e Frutos	Gripe		Xarope						
Sapindaceae	<i>Serjania cuspidata</i> Cambess.	Cipó cabeludo	Folhas	Expectorante		Xarope						
	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Espinheira Santa	Folhas	Estomago, úlceras, gastrite/ Cicatrizante		Infusão/Decocção						
Siparunaceae	<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A. DC.	Nega mina/ Mãe boa	Folhas	Pneumonia/Tuberculose		Extrato						
Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	Frutos	Fígado/Hemorroida		Comer o fruto						

			Panacéia	Folhas	Rins	Infusão/Decocção
Verbenaceae	<i>Solanum cernuum</i> Vell.		Alfazema/ Alecrim de casa	Folhas	Calmanete/Gases	Infusão/Decocção
	<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz & Pav.) Juss.		Erva cidreira	Folhas	Chá calmante	Infusão/Decocção
Violaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill N.E.Br. ex.) P. Wilson.		Gervão/ Gervão roxo	Folhas	Estomago/ Inflamação	Infusão/Decocção
	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl.		Suma rosa	Folhas	Afinar o sangue/ Furúnculo	Infusão/Decocção
	<i>Anchietea pyrifolia</i> (Mart.) G. Don.		Cipó Insulina	Folhas	Diabetes	Infusão/Decocção
	<i>Cissus verticillata</i> Kunth.		Colônia	Folhas	Controlar pressão alta	Infusão/Decocção
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burtt & R.M.Sm.					

- **Uso Alimentício**

É sabido a estreita relação do uso de plantas para alimentação humana, um exemplo é a agricultura que é um dos principais elos para construção da sociedade moderna (EVERT & EICHHORN, 2014). Sendo assim, o uso alimentício foi um dos usos mais indicados pela comunidade quilombola Maria Conga, podendo também ser observado usos com diversas finalidades, na composição de pratos durante o dia a dia como o uso de *Solanum Lycopersicum* L. popularmente conhecido como “tomatinho miúdo” que é colocado no arroz, *Basella alba* L. “Bertalha” é consumida com ovo (Fig. 12).

Isso aqui a gente come também ó, viu? [...] Isso aqui a gente come com, a gente lava bem a folhinha né, joga uma água fervendo e refoga, ai pode comer até com ovo [...] A gente come [...] É que aqui meu marido, dá pro zotro (Informante 1, 2018 – Fala sobre *Basella alba* L. –).

Uso em conservas como *Bactris gasipaes* Kunth. (Pupunha) ou “broto” de *Bambusa vulgaris* Schrad.; Refogados de plantas como *Commelina diffusa* Burm.f. (Trapoerava), *Erechtites valerianifolius* (Link ex Spreng.) DC. ou *Erechtites hieraciifolius* (L.) Raf. ex DC. plantas distintas conhecidas como “capiçoba” e *Amaranthus viridis* L. Inclusão de folhas em saladas como ocorre com *Plantago major* L. Consumo de frutos e folhas com potencial na nutrição como suco de Acerola (*Malpighia glabra* L.) como fonte de vitamina C.

Acerola é pra fazer suco, porque, ela dá, ela dá uma frutinha, a frutinha dela parece até um, uma maçãzinha, tem um formatinho de maçãzinha mas é pequenininho, ai a gente faz suco de acerola rico em vitamina C (Informante 1, 2018).

Xanthosoma sagittifolium (L.) Schott. (Taioba), *Pereskia aculeata* Mill. ou *Pereskia grandifolia* Haw. Conhecidas como “Ora-pro-nóbis” e *Lactuca canadensis* L. (Almeirão) introduzidas na alimentação como fonte de recursos em combate a anemia (fig. 12). Ocorrendo também uso não convencional de plantas como fazer angu de banana verde (*Musa x paradisiaca* L.) ou ingestão do fruto de romã (*Punica granatum* L.) como declara a Informante 18 “O fruto é uma delícia!”. Petiscos como a semente “coquinho” da amendoeira (*Terminalia Catappa* L.); ou até mesmo na confecção de sobremesas como *Citrus x aurantium* L. “Laranja da Terra” ou *Spondias mombim* L. “Cajá” usados para fazer doces.

Pega a laranja lava bem lavado né? Aí corta ela em 4 assim, em quatro né? Tipo assim em cruz, cruz, aí, retira... Põe pra ferver depois retira os caroços, os gomos né! Aí deixa de molho durante 7 dias trocando a água, aí depois põe, tirando a água ai. Ai põe pra ferv.. põe açúcar numa panela né, cravo, canela um pouquinho de erva doce, e poe pra... Põe laranja ali dentro e deixa cozinhar... com água, depois que a, tiver

açúcar assim bem, bem caramelada ne, aí põe a laranja bota água ai ela vai ficar bem moreninha, gostosa!” (Informante 10, 2018 – receita de doce de laranja da Terra–).



Figura 12: Alimentícias A- *Pereskia grandifolia* Haw. (Ora-pro-nóbis); B- *Plantago major* L. (Transagem); C- *Basella alba* L. (Bertalha); D- *Solanum Lycopersicum* L. (Tomatinho); E- *Lactuca canadensis* L. (Almeirão).

- **Uso Ornamental**

As plantas ornamentais também foram muito indicadas pela comunidade, e além do uso decorativo, ocorreram indicações para utilidades assimiladas como: Aromatização de ambientes no caso de *Brunfelsia uniflora* L. (Manacá) foi indicada não apenas por sua aparência, mais também por seu odor agradável; assimilação de construção, já que Pau D’agua (*Dracaena fragrans* (L.) Ker Gawl.) e Hisbico (*Hibiscus rosa sinensis* L. e *Malvaviscus arboreus* Cav.), que além de sua beleza, são contempladas na localidade por auxiliar na construção de cercas vivas. Outro uso assimilado, foi o ritualístico em plantas com função de proteger o ambiente, como por exemplo Lança de Ogum *Sansevieria cylindrica* Bojer, Espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata* hort. ex Prain), abre caminho (*Lygodium volubile* Sw.). Sabe-se que o uso ornamental tem estreita relação com a arte e o bem-estar do ser humano estando há muito tempo relacionado ao domínio e aproximação da natureza (STRIGUETA & COELHO, 2014).

- **Uso Ritualístico**

O uso de plantas associado a rituais, como comentado anteriormente, é muito antigo, diversificado e vem sendo propagado ao longo dos anos. O uso ritualístico de plantas é feito por diversas religiões, tendo, muitas das vezes relação com a cura, às vezes, indo muito além de uma cura física, mas sim espiritual (MARCO, 2007).

No Brasil esse tipo de prática é comumente resultante da influência cultural dos “indígenas locais miscigenadas as tradições africanas”, devido aos três séculos de tráfico escravo e da cultura européia trazida pelos colonizadores (FONSECA-KRUEL & MAIOLI-AZEVEDO, 2006 apud ALMEIDA,2003).

Na região estudada, os recursos vegetais associados a rituais são também utilizados para proteção de ambientes, limpeza espiritual, entrar em contato com divindades, dentre outros. Estando intimamente relacionado a 3 religiões, sendo elas, catolicismo como é o caso da Espada de Santa Bárbara/Espada de São Jorge (*Sansevieria trifasciata* hort. ex Prain), umbanda e candomblé (Vale ressaltar que maior parte das indicações de plantas ritualísticas estão relacionadas à essas duas últimas religiões mencionadas). Sendo possível observar em um dos relatos da informante 21, a consciência da influência indígena para esse conhecimento.

Tipo assim! Cada erva, cada erva tem... é denominada a um santo, ai você toma aquele banho, não.. Para fortalecer o espírito do seu corpo! Tipo, se eu vou fazer uma oferenda, se eu vou fazer algum trabalho, aí eu vou, utilizo essas ervas pra ta limpando meu corpo, pra ta trazendo, pra me preparando para me poder, fazer certos tipos de coisas dentro do santo [...] Pra limpar, como se eu tivesse indo buscar as forças das ervas pra mim [...] buscando a força do orixá, ou do caboclo, ou dos pretos velhos, na erva, porque eles utilizava [...] Porque, no tempo da senzala, os pretos velhos né! Assim que a gente fala né! Os negros, eles utilizavam as ervas, para curar, para se, tipo assim! Para tomar, pra beber, para se curar, porque, o.. Eles não tinham remédios na época, então, eles tinham o conhecimento das ervas, os pretos velhos tinham conhecimento das ervas, entendeu? Aí eles curavam através das ervas. E os índios que é caboclo também tinham os conhecimentos das ervas, eles conheciam todas as ervas e sabiam pra que servia cada uma, pra se curar, pra tudo! (Informante 21, 2018)

Outro fator interessante, é que nem todas as plantas são encontradas na região, então neste caso, são adquiridas. Observe:

Essas ervas a maioria que tem aqui, a gente encontra aqui na região [...] Elas nascem na natureza [...] Aí muitas das ervas, porque são muitas, acho que acho 72 ervas que eu lembro assim, aí as que a gente não encontra aqui, a gente compra, a gente compra assim.. alevante que a gente não encontra aqui.. Folha de fumo [...] Banho pra limpeza pode esquentar, amornada. Não pode colocar direto a folha na água. Precisa fazer o sumo pra ficar concentrado na água, e não pode ferver pra não ficar ralo (Informante 21, 2018).

Também são utilizadas plantas para composição de receitas para realização como oferta aos orixás, conhecidas como “comida de orixá”:

A comida de orixá quando a gente faz, uma comida pra xangô você pode fazer com mocotó de boi, tem que te explicar como que faz, você pode fazer com pedaço de peito de boi, aqueles peitos. E aí por exemplo pras labas a gente pode fazer uma comida, tem umas que é aqueles bolinhos que a pessoas até gosta de comer, com é que chama aqueles bolinhos Meu Deus!” Yemanjá arroz doce; Oxum ovos cozidos; Iasã acarajé; Ogum a gente faz um frango, ai mata o frango; Pro vovô a gente faz um cozido de feijão com carne seca; pro Ogum a gente pode fazer um feijão, ai bota cebola com azeite de dendê[...]Eu gosto de tudo porque eu adoro o que eu faço! [...]Cada orixá tem uma função na comida (Informante 17, 2018).

Na comunidade, os rituais em que plantas são utilizadas em banhos, seja, para cura, limpeza, realização de desejos, dentre outros, não são realizados de forma aleatória, existindo regras específicas para que o ritual tenha o efeito desejado por quem o está fazendo, como: não misturar algumas plantas, tomar banho do “pescoço para baixo”, não fazer corte de plantas com materiais metálicos, etc.

Arruda é bom! Arruda você pode fazer uma infusão, arruda se você estiver com mal-estar, depois você toma seu banho normal e joga do pescoço pra baixo, você vai sentir uma influência [...] A cabeça da gente é uma coisa dominada por..., tudo nosso é dominado por Deus, mas a cabeça é o necessário, então o que a gente faz? A gente cuida muito da cabeça. Então nós, nós aqui não não jogamos infusões, porque, tem certas infusões que não pode jogar na cabeça, como tem certas comidas que não podemos comer, porque já foi feito trabalhos, entendeu? Já foi feito trabalhos pra gente né, trabalhos espiritual.[...] Cada terreiro usa suas plantas do seu jeito, entendeu? E cada orixá tem suas plantas que usa.[...] Comida de orixá tem uma função (Informante 17, 2018).

Em banhos de descarrego, foi analisado através da fala da informante 15, que nem sempre é só uma questão espiritual, pois, a “força negativa” pode, muitas vezes estar relacionada a uma doença dérmica, nesse caso, realiza-se o tratamento através do uso de plantas em banhos.

Descarrego é tipo tirar as forças negativas, É pra isso que a gente fala descarrego, é pra isso! Pra quem tá com a pele, ao vez tem algum problema de pele [...] Por exemplo: Tá com uma coceira, vamo supor? Pegou uma coceira. O zotro fala ingual coceira de cachorro de cachorro pega, toma um banho disso aí que já ajuda secar. Não é só descarrego pra tirar força negativa, é descarrego pra limpar a pele, pra tirar o excesso daquilo que ta fazendo a pele. A canela de velho, arruda, colônia e manjerição, serve para sarampo, catapora [...] Manjerição para brotoeja (Informante 15, 2018).

Também ocorreu a indicação de plantas para rezas, rituais para determinados orixás, limpeza espiritual, cura, proteção do ambiente, dentre outros. As plantas enquadradas nesta categorização, assim como as medicinais apresentaram usos bem específicos (tab. 5)

Acompanhe abaixo um dos exemplos de reza utilizada para “cair o umbigo” do recém-nascido com *Pluchea sagittalis* (Lam.) Cabrera. “Erva da Lua”:

Criança que antigamente tava tomado da lua [...] Não tem a lua minguante, crescente lua cheia e lua nova, quando a neném nasce, a lua vê, aí diz, a lua pega a criança pelo imbigio! Aí quando a gente ganha neném, leva na rezadeira, aí com dias de nascido. Lua luar toma essa criança e me ajuda criar! A cabeça é sua a bunda é minha, quando tiver criado você retorna e me dá! [...] Daí quando a mãe não faz isso: O umbigo cresce

a criança fica enjoada, dá febre vai pará no hospital [...] Daí pra evitar isso aí depois, toma chá e o banho da erva da lua (Informante 15, 2018).

Tabela 5: Plantas ritualísticas

Família	Nome científico	Nome popular	Parte	Indicação segundo fala dos informantes	Forma de Uso
Asparagaceae	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer.	Lança de Ogum	Toda	Proteção/ Banho de descarrego	Banho
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Hort. ex Prain.	Erva de Santa Barbara/ Espada de São Jorge	Toda	Proteção	Banho ou Plantar no local
Asteraceae	<i>Pluchea sagittalis</i> (Lam.) Cabrera.	Erva da Lua	Galhos	Para Oxóssi/Banho de descarrego Reza para cair umbigo de criança (Apresentação a lua)	Banho/Reza
Costaceae	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana do brejo	Folhas	Banho	Banho
Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	Cipo caboclo	Folhas	Banho para caboclo	Banho
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	Folhas	Banho para Omolu	Banho
Lygodiceae	<i>Lygodium volubile</i> Sw.	Abre caminho	Folhas	Abrir os caminhos	Banho
Melastomataceae	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.	Canela de velho/ Tangerina do Mato/ Vence demanda	Folhas	Banho	Banho
Melastomataceae	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D.Don	Erva de Oxóssi	Folhas	Banho para Oxóssi	Banho
Meliaceae	<i>Melia azedarach</i> L.	Para raio	Folhas	Acalmar a chuva	Maceração
Piperaceae	<i>Piper arboreum</i> Aubl.	Erva fogo	Folhas	Banho de descarrego	Banho
Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana	Caulé "Extrato"	Caldo para preto velho	Banho
Polypodiaceae	<i>Schellotopsis persicifolia</i> (Desv.) Pic. Serm	Samambaia chorona	Folhas	Banho pra caboclo, que é uma entidade de umbanda	Banho
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	Folhas	Banho de descarrego	Banho
Siparunaceae	<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A. DC.	Nega mina/ Mãe boa	Folhas	Banho de descarrego	Banho
Solanaceae	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Tomatinho miúdo	Folhas	Banho para todas as entidades	Banho
Verbenaceae	<i>Aloysia virgata</i> (Ruiz & Pav.) Juss.	Alfazema/ Alecrim de casa	Galhos	Banho de descarrego para acalmar o coração	Banho
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L.Burtt & R.M.Sm.	Colônia	Folhas	Banho de descarrego	Banho

5. RETORNO

O retorno é um item de grande importância em trabalhos etnobotânicos, configurando-se em um dever do pesquisador, voltar aos participantes as informações otimizadas sobre o trabalho ocorrente, podendo ser realizado de diversas formas após a sistematização dos dados como: manuais, cartilhas, oficinas, hortas medicinais, dentre outras formas, além da entrega de cópias de artigos formalmente publicados, dissertações e teses. Com o entendimento de que é através do retorno que se mostra a comunidade a importância do trabalho que ali foi realizado, não deixa de ser um método de divulgação científica podendo impactar no interesse da preservação da memória local e da preservação da flora de sua localidade (PATZLAFF & PEIXOTO, 2009).

Com esse intuito, para o retorno das informações coletadas na comunidade quilombola Maria Conga de forma sistematizada foram realizadas 2 oficinas, ambas foram divulgadas de forma parecida com a reunião inaugural da pesquisa onde foram entregues panfletos para convite (fig.13) e fixados informativos com o auxílio dos agentes comunitários de saúde da USF de Maria Conga.



Figura 13: Panfleto do convite para as oficinas

O evento foi dividido em 2 seguimentos. Na parte da manhã ocorreu divulgação dos dados coletados no local e foi feita abertura com agradecimento à comunidade pela recepção do projeto tornando viável a realização da pesquisa no local, seguida da oficina de ervas na qual abordou-se a importância e os cuidados com o uso de chás e ervas.

Na parte da tarde foi realizada a oficina de exsicatas, nessa os participantes puderam compreender o que era uma exsicata, sua importância para o meio científico e como fazer. O fator que motivou essa oficina foi a curiosidade dos informantes pelo assunto durante as entrevistas posto que comumente eles realizavam as seguintes perguntas: “*O que você vai fazer com essas plantas?*”, “*o que são exsicatas?*”, “*como você vai guardar isso tudo?*” (fig. 14).



Figura 14: Oficinas.

6. CONCLUSÃO

Foi observado que na comunidade quilombola Maria Conga o uso varia conforme gênero e idade dos informantes, sendo a média de idade do grupo observado de 62 anos. Com 310 citações é possível perceber que, dentro da amostra obtida, que o gênero feminino além de detentor de maior conhecimento de plantas, sobretudo medicinais, também foi o maior responsável por indicações de plantas de uso ritualístico, ocorrendo grande disparidade em quantidade de citações realizadas pelo sexo masculino.

Já entre os dados botânicos, é possível observar interação da comunidade quilombola com a flora local, além da conservação do conhecimento sobre espécies vegetais. Asteraceae foi a família com maior representação no local, podendo ser o principal fator para a escolha de espécies do grupo sua disponibilidade e o tamanho da família. Observa-se também que nem todos os recursos citados foram encontrados para coleta, podendo ser os principais fatores perda de biodiversidade, e a compra de determinadas espécies, sendo motivo para novas investigações científicas relacionadas a esta informação.

Das espécies de uso geral *Schinus terebinthifolia* Raddi. conhecida como aroeira foi a planta mais citada pelos informantes entrevistados. O uso medicinal foi mais citado e nesta categorização a planta com maior Importância Relativa (IR), segundo sua versatilidade foi *Miconia albicans* (Sw.) Steud. Das espécies coletadas, foram encontradas utilidades para tratamento de 16 categorias de doenças, sendo que as “Doenças do sistema muscular esquelético ou tecido conjuntivo” tiveram a maior Importância relativa (IR) local, segundo o Fator de Consenso do Informante (FCI), apresentando valor máximo 1. Essas informações podem dar base a novas investigações científicas, já que podem estar intimamente ligadas as doenças mais ocorrentes na região, devendo ser alvo de futuros estudos.

Ainda em se tratando de espécies da região e de suas categorizações, é importante perceber que há interação entre os seus usos como: informantes relacionarem o uso medicinal com ritualístico, ornamental e ritualístico, alimentício e medicinal, podendo a versatilidade das espécies ser o maior motivo da escolha de uso dos habitantes da localidade.

Portanto conclui-se que a comunidade remanescente do quilombo de Maria Conga tem interação com a flora local e preserva o conhecimento sobre plantas, tanto, das que ocorrem de forma espontânea, quanto as plantas cultivadas na região.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, U. P. & LUCENA, R. F. P. (Org.) **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife, PE: NUPPEA, 2004. 189 p.

ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. EDUFBA. Salvador, BA 2011. 22 p.

ÁVILA, J. V. C. **Contribuições etnoecológicas para a compreensão sobre territórios tradicionais de três Comunidades Quilombolas de Santa Catarina (Brasil)**. 2014, 202 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia -Programa de Pós-Graduação em Ecologia, no Centro de Ciências Biológicas) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/156519/336357.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> acesso em 2019.

BALDIN, N. & MUNHOZ, E. M. B. **Snowball (Bola de Neve): Uma Técnica Método lógica para pesquisa em educação Ambiental Comunitária**. In. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Paraná, 2011. PUCPR. p. 329-333.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Carta de Pero Vaz Caminha**. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf> acesso em 2019.

BIBLIOTECA NACIONAL (Org.). **Para uma história do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Catálogo da exposição realizada na Biblioteca Nacional de 9 de maio a 30 de junho de 1988, 1988. 65p.

BOTOSO, T. C. O. **Negros na Universidade: a cobertura da mídia sobre a inclusão de políticas públicas de inclusão sócio-racial no Brasil**. 2015, 174 f. Dissertação (Mestrado em Ciências - Programa de Pós Graduação Mudança Social e Participação Política) Escola de Artes Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo 2015. P. 12-21.

BRASIL. **Decreto de nº 6.040 de 7 de fevereiro de 2007**. Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm> acesso em 2019.

BRASIL. **Decreto-lei nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Presidência da República - Casa Civil - Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm> Acesso em 24 de Janeiro de 2018.

CAMPOS, S. C. et al. **Toxicidade de espécies vegetais**. Rev. Bras. Pl. Med., Campinas, v.18, n.1, supl. I, p.373-382, 2016.

CARVALHO, C. A. **Quilombo de Maria Conga em Magé: Memória, Identidade e Ensino de História**. 2016, 80 f. Dissertação (Mestrado Profissional de Ensino História – Documento eletrônico) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <<http://www.repositoriobc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/11489/vers%c3>>

[%a3o%20final%20da%20disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y](#)>
acesso em 2018.

COLET, C. F. et al. **Uso de plantas medicinais por usuários do serviço público de saúde do município de Ijuí/RS.** Rio de Janeiro: Revista Brasileira Medicina de Família e Comunidade, vol.10 (36), 2015. 13p.

CREPALDI, M. O. S. **Etnobotânica na Comunidade Quilombola Cachoeira do Retiro, Santa Leopoldina, Espírito Santo, Brasil.** 2007, 65 f. Dissertação (Mestrado em Botânica – Documento eletrônico) Escola Nacional de Botânica Tropical, do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro - Programa de Pós-Graduação em Botânica, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em:
<[https://aplicacoes.jbrj.gov.br/enbt/posgraduacao/resumos/2006/Maria Otavia.pdf](https://aplicacoes.jbrj.gov.br/enbt/posgraduacao/resumos/2006/Maria_Otavia.pdf)>
> acesso em 2019.

CUNHA, A. C. M. **Estudo etnobotânico nos quintais da comunidade quilombola de Monte Alegre, cachoeiro de Itapemirim, Espírito Santo.** 2015, 71 f. Dissertação (Mestrado Profissional Uso Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Tropicais) – Curso Uso Sustentável de Recursos Naturais em Regiões Tropicais, Instituto Tecnológico Vale. Belém-PA: ITV, 2015. Disponível em:
<<http://www.itv.org/wpcontent/uploads/2018/02/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Andressa-Catharina.pdf>> acesso em 2019.

DAVID, M. **Os recursos vegetais e a etnobotânica em quintais urbanos de Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil.** 2015, 121 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais e Ambientais – Documento eletrônico) - Faculdade de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Mato Grosso, Programa de Pós-Graduação em Ciências Florestais e Ambientais, Cuiabá, MT, 2015. Disponível em:
<http://ri.ufmt.br/bitstream/1/735/1/DISS_2015_Marg%C3%B4%20de%20David.pdf>
acesso em 2019.

DIEGUES, A. C. et al. **Os saberes tradicionais e a Biodiversidade no Brasil.** São Paulo: NUPAUB, 2000. p. 3-26.

DOMINGUES, P. **Movimento Negro Brasileiro: alguns apontamentos históricos.** Tempo [online]: UFF, 2007. vol.12 (23), p.100-122.

EVERT, R. F. & EICHHORN, S. **Biologia vegetal, 8º Edição.** Guanabara Koogan, 2014. p. 52.

FERNANDES, V. **Movimento Negro Contemporâneo: Lutas e desafios.** In: Seminário Equidade Racial e Fortalecimento institucional, Salvador, Bahia - Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE). Disponível em:
< [http://www.institutobuzios.org.br/documentos/Valdisio%20Fernandes Movimento%20Negro%20Contemporâneo%20Lutas%20e%20desafios.PDF](http://www.institutobuzios.org.br/documentos/Valdisio%20Fernandes_Movimento%20Negro%20Contemporâneo%20Lutas%20e%20desafios.PDF)> acesso em 01 de abril de 2018.

FIDALGO, O. & BONONI, V. L. R. **Técnicas de coleta, preservação e Herborização de material botânico.** São Paulo: Instituto de Botânica, Secretaria do Meio Ambiente, 1984.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certidões expedidas às comunidades remanescentes de quilombos.** Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/comunidades-remanescentes-de-quilombos-crqs>> acesso em 09 de Março de 2018.

GASPAR, E. D. (Org). **Guia de religiões populares do Brasil.** Rio de Janeiro: Editora PALLAS, 2004. 251 p.

HATTORI, E. K. O. & NAKAJIMA, J. N. **A família Asteraceae na Estação de pesquisa e desenvolvimento ambiental Galheiro, Perdizes, Minas Gerais, Brasil.** Rodriguésia, vol. 59 (4), 2008. p. 687-749.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Brasil 500 anos.** Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br>> acesso em 24 de abril de 2018.

_____. **Brasil 500 anos.** Disponível em: <<https://brasil500anos.ibge.gov.br>> acesso em 2020.

_____. **Cidades@.** Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun-330250>> acesso em 2020.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. **Parque Nacional da Serra dos Órgãos.** Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/>> Ministério do Meio Ambiente, acesso em 2020.

_____. **Parque Nacional da Serra dos Órgãos: áreas protegidas.** Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/o-que-fazemos/areas-protegidas.html>> acesso em 2020.

LOPES, C. V. G. **O conhecimento etnobotânico da comunidade quilombola do Varzeão, Dr. Ulysses (PR): No contexto do desenvolvimento rural sustentável.** 2010, 156 f. Tese (Doutorado em Agronomia – Documento eletrônico) - Pós-Graduação em Agronomia Produção Vegetal do Setor de Ciências Agrárias da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24247/Tese%20Claudemira%20Vieira%20Gusmao%20Lopes.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> acesso em 2019.

MAIOLI-AZEVEDO, V. & FONSECA-KRUEL, V. S. **Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul.** Acta bot. Bras, vol. 21 (2) 2007. p. 263-275.

MANZINI, E. J. **Entrevista Semi-estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros.** In. Seminário internacional sobre pesquisa e estudos qualitativos vol. 2, 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. Anais. Bauru: USC, 2004. 10p. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/consagro/files/2012/03/MANZINI-Jos%C3%A9-Eduardo-Entevista-semi-estruturada-An%C3%A1lise-de-objetivos-e-de-roteiros.pdf>> acesso em 2018.

MAPA DE CULTURA. **Manchetes: Maria Conga.** Disponível em: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/maria-conga>> Rio de Janeiro, acesso em 08 de março de 2019.

MARCO, M. A. **A face humana da medicina – do modelo biomédico ao modelo biopsicossocial, 2º Edição.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2007 p. 17-19/ 21-32.

MATOS, H.; ABREU, M. & GURAN, M. **Inventário dos Lugares de Memória do Tráfico Atlântico de Escravos e da História dos Africanos Escravizados no Brasil.** Universidade Federal Fluminense - LabHOI, 2013. p. 106. Disponível em: <<http://www.labhoi.uff.br/memoriadotrafico>> acesso em 08 de maio de 2017.

MEDEIROS, M. F. T.; FONSECA V. S. & E ANDREATA R. H. P. **Plantas medicinais e seus usos pelos sítiantes da Reserva Rio das Pedras, Mangaratiba, RJ, Brasil.** Acta bot. bras. 18(2), 2004. p. 391-399.

MENDES, A. A. **Portugal e o tráfico de escravos na primeira metade do século XVI.** Africa Studia, n° 7, 2004. Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto 2004. p. 13 -30.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos.** Disponível em: <<http://saude.gov.br/acoes-e-programas/programa-nacional-de-plantas-mediciniais-e-fitoterapicos-ppnmpf>> acesso em 2020.

_____. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS.** Brasília, DF, 2006. Disponível em: <<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>> acesso em 2020.

_____. **Programa Nacional de Plantas Mediciniais e Fitoterápicos.** Brasília, DF, 2009. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/programa_nacional_plantas_mediciniais_fitoterapicos.pdf> acesso em janeiro de 2020.

MOURA, C. L. & ANDRADE, L. H. C. **Etnobotânica em Quintais Urbanos Nordestinos: um Estudo no Bairro da Muribeca, Jaboatão dos Guararapes - PE.** Porto Alegre: Revista Brasileira de Biociências, vol. 5 (1), 2007. p. 219-221.

MUNANGA, K. **Origem e histórico do quilombo na África.** São Paulo, Revista USP, (28), p. 56-63. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i28p56-63>> acesso em março de 2020.

OLIVEIRA, F. C. et al. **Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil.** Acta bot. bras. 23(2): 2009. p. 590-605.

OLIVEIRA, S. V. & DALCIN, D. **O Papel da Mulher Rural na Segurança Alimentar: o Caso da Comunidade de Santo Antônio, Santa Maria – RS.** Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008. 8p. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST47/Oliveira-Dalcin_47.pdf> acesso em 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA. <<http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/pt/c/1238918/>> acesso em 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Código Internacional de Classificação de doenças CID-11 para estatística de mortalidade e morbidade, 2018. Disponível em: <<https://icd.who.int/browse11/l-m/es#/http://id.who.int/icd/entity/2113186970>> acesso em 2020.

REFLORA <<http://reflora.ibrij.gov.br/reflora/herbarioVirtual/ConsultaPublicoHVUC/ConsultaPublicoHVUC.do>> acesso em 2019.

REFLORA <<http://reflora.ibrij.gov.br/reflora/listaBrasil/ConsultaPublicaUC/ConsultaPublicaUC.do#CondicaoTaxonCP>> acesso em 2019.

RODRIGUES, J. S. C. **Estudo etnobotânico das plantas aromáticas e medicinais**. In: Figueiredo AC, JG Barroso, LG Pedro (Eds). Potencialidades e Aplicações das Plantas Aromáticas e Medicinais. Curso Teórico-Prático, 3ª Ed. Edição da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa - Centro de Biotecnologia Vegetal, Lisboa, Portugal. 2007, p. 168-174,

SILVA, J. M. S. **Comunidades quilombolas, suas lutas, sonhos e utopias**. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/artigo-cqlutassu.pdf>> acesso em 5 de março de 2018.

SILVA, N. C. B. et al. **Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II - Bahia, Brasil**. Universidad de Santiago de Chile Santiago, Chile: Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas 11 (5): 2012. p. 435-453.

STRINGHETA, A. C. O. & COELHO, L. L. **Plantas ornamentais e paisagismo**. A história da arte dos jardins. Minas Gerais: Universidade Federal de Viçosa, Coordenadoria de Educação Aberta e a Distância, 2014. 25 p.

SYLVESTRE, L. S. & ROSA, M. M. T. (Org.) **Manual metodológico para estudos botânicos na Mata Atlântica**. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2002.

THE PLANT LIST <<http://www.theplantlist.org/>> acesso em 2019.

TROPICOS <<https://www.tropicos.org/>> acesso em outubro de 2019.

VIU, A. F. M.; VIU, M. A. O. & CAMPOS, L. Z. O. **Etnobotânica: uma questão de gênero?** Porto Alegre: Ed. Revista Brasileira de Agroecologia, vol. 5 (1) 2010. p. 138-147.

ZEIDAN. **Projeto de lei nº 3241/2017**. Plenário Barbosa Lima Sobrinho, Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 17 de agosto de 2017. Disponível em: <<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/scpro1519.nsf/e00a7c3c8652b69a83256cca00646ee5/ff1f10a29681eb378325817f00693753?OpenDocument>> acesso em 2020.

ANEXOS

ANEXO I - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Número do Participante ____

1. DADOS DO ENTREVISTADO

DATA DA ENTREVISTA: ____/____/____

NOME COMPLETO: _____

NOME QUE É CONHECIDO PELA COMUNIDADE (APELIDO): _____

DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____ IDADE: _____

ENDEREÇO: _____

CONTATOS: _____

ESCOLARIDADE: _____

NATURALIDADE: _____

MUNICÍPIO DE NASCIMENTO: _____

PROFISSÃO: _____

NÚMERO DE MORADORES NA RESIDÊNCIA DO ENTREVISTADO: _____

2. PERGUNTAS

- a) Quanto tempo o Senhor(a) mora na região?
- b) Você conhece a história da comunidade?
- c) Fale me um pouco sobre sua história na comunidade?
- d) Com quem você aprendeu sobre plantas?
- e) Fale me sobre as plantas que você mais utiliza?
- f) Para que utiliza cada uma dessas plantas?
- g) Como você as usa?
- h) Como preparar?
- i) Qual parte dessas plantas você utiliza?
- j) Onde você consegue esses recursos?
- k) Você poderia me auxiliar encontrar essas plantas?

ANEXO II - REGISTRO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Informações aos participantes

- 1) **Título do protocolo do estudo:** A COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA CONGA (MAGÉ, RJ) E SEU CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS.
- 2) **Convite** Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **A Comunidade quilombola Maria Conga (Magé, Rj) e seu conhecimento sobre plantas**. Antes de decidir se participará, é importante que você entenda porque o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.
- 3) **O que é o projeto?** O projeto consiste em fazer um estudo etnobotânico da região, ou seja, um estudo da relação da comunidade com as plantas, para conhecer a história da comunidade e identificar quais as espécies que são utilizadas pelas pessoas que fazem parte da mesma.
- 4) **Qual é o objetivo do estudo?** O projeto visa fazer o levantamento das plantas utilizadas pela comunidade quilombola Maria Conga em Magé no Rio de Janeiro através de registros de histórias e informações sobre uso das espécies pela comunidade.
- 5) **Por que eu fui escolhido (a)?** Você foi selecionado para a pesquisa por fazer parte das famílias quilombolas da comunidade Maria Conga, ou por ter sido indicado como um conhecedor sobre plantas e suas utilidades.
- 6) **Eu tenho que participar?** Você é quem decide se gostaria de participar ou não deste estudo/pesquisa. Se decidir participar do projeto **A Comunidade quilombola Maria Conga (Magé, Rj) e seu conhecimento sobre plantas**. Você receberá uma cópia assinada deste Registro para guardar e deverá assinar ambas as cópias do termo já que uma via fica com o pesquisador. Mesmo se você decidir participar, você ainda tem a liberdade de se retirar das atividades a qualquer momento, sem qualquer justificativa. Isso não afetará em nada sua participação em demais atividades e não causará nenhum prejuízo.
- 7) **O que acontecerá comigo se eu participar? O que eu tenho que fazer?** Serão feitas entrevistas e o informante deverá acompanhar o pesquisador ao local onde encontra-se as plantas para coleta (Quintal, rua, dentre outras). As entrevistas serão registradas através de anotações, gravações e fotografias.
- 8) **O que é exigido de mim nesse estudo além da prática de rotina?** Além de responder a entrevista, poderá ser necessário auxiliar no encontro das plantas indicadas.
- 9) **Quais são os eventuais riscos ao participar do estudo?** De forma geral o maior risco é o de constrangimento, porém, os informantes que auxiliarão ao encontro das espécies estão sujeitos a eventuais riscos de acidentes relacionados coleta, como por exemplo, queda, corte, dentre outros.
- 10) **Quais são os possíveis benefícios de participar?** Essa pesquisa pode beneficiar através da preservação da memória da história local e do conhecimento comunidade sobre as plantas

11) **O que acontece quando o estudo termina?** Como retribuição à colaboração da comunidade Maria Conga na pesquisa apresentada pelo presente projeto, será proposto um trabalho social para incentivar à preservação da flora local pelos habitantes, que será desenvolvido durante a convivência da pesquisadora com a comunidade. Será doada uma cópia da dissertação à prefeitura de Magé, outra à associação dos moradores.

12) **E se algo der errado?** Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto desejado, possuindo liberdade para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, pois, sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios.

13) **Minha participação neste estudo será mantida em sigilo?** O(s) pesquisador (es) irá(ão) tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, caso não deseje identificação.

Uma cópia deste consentimento informado será arquivada no Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Contato para informações adicionais

Dados do(a) pesquisador(a) responsável: Beatriz Rodrigues Silva Meneses, cujo RG. 22.300.433-4, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas (Botânica) Museu Nacional/UFRJ. Telefone (21) 990619676. Email: beatriz_silvarps@gmail.com

Dados do CEP: Comitê de Ética em Pesquisa do CFCH – Campus da UFRJ da Praia Vermelha – Prédio da Decania do CFCH, 3º andar, Sala 30 – Telefone: (21) 3938-5167 – Email: cep.cfch@gmail.com

Dados da Instituição Proponente: Museu Nacional Departamento de Botânica, Quinta da Boa Vista s/número, São Cristóvão, Rj, Cep: 20940040 —Telefone: (21) 39381123 – Email: museu@mn.ufrj.br

3) Remunerações financeiras

Nenhum incentivo ou recompensa financeira está previsto pela sua participação nesta pesquisa.

Obrigado por ler estas informações. Se desejar participar deste estudo, assine o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido anexo e devolva-o ao (à) pesquisador (a). Você deve guardar uma cópia destas informações e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para seu próprio registro.

1 – Confirmando que li e entendi a folha de informações para o estudo acima e que tive a oportunidade de fazer perguntas.

2 – Entendo que minha participação é voluntária e que sou livre para retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar dar explicações, e sem sofrer prejuízo ou ter meus direitos afetados.

3 – Concordo em participar da pesquisa acima.

Nome do participante: _____

Assinatura do participante: _____

OBS: Duas vias devem ser feitas, uma para o usuário e outra para o pesquisador.

ANEXO III - TERMO DE CESSÃO DE DIREITO DE USO DE IMAGEM E DIREITOS PATRIMONIAIS

Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, profissão _____, inscrito no CPF sob o nº _____ e RG sob o nº _____, autorizo o uso da minha imagem para fins de divulgação da pesquisa A COMUNIDADE QUILOMBOLA MARIA CONGA (MAGÉ, RJ) E SEU CONHECIMENTO SOBRE PLANTAS, bem assim a cessão de todo e qualquer direito autoral patrimonial resultante de eventuais produtos decorrentes da contratação, nos termos do art. 111 da Lei nº 8.666/1993.

Rio de Janeiro, Magé, _____ 2018.

Assinatura _____